

UM ESCRITOR BRASILEIRO EM PORTUGAL: MÁRIO DE ARTAGÃO E AS OBRAS *RIMAS* *PAGÃS E FERAS À SOLTA*

Francisco das Neves Alves



3


Coleção
Documentos


BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE
Fundada em 1846



CLEPUL | Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**UM ESCRITOR BRASILEIRO
EM PORTUGAL:**

**MÁRIO DE ARTAGÃO E AS OBRAS
*RIMAS PAGÃS E FERAS À SOLTA***

FICHA TÉCNICA

Título: Um escritor brasileiro em Portugal: Mário de Artagão e as obras
Rimas pagãs e Feras à solta

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 3

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2016

ISBN - 978-989-8814-36-4

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto "UID/ELT/00077/2013"

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da FURG, Doutor em História pela PUCRS e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); Universidade de Lisboa (2013) e Universidade Nova de Lisboa (2015). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou aproximadamente cem livros.

Francisco das Neves Alves

**Um escritor brasileiro em
Portugal: Mário de Artagão e
as obras *Rimas pagãs* e
*Feras à solta***



- 3 -

CLEPUL / Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande

2016

ÍNDICE

1	MÁRIO DE ARTAGÃO: O ESCRITOR E A SUA OBRA	7
2	<i>RIMAS PAGÃS</i>	13
3	<i>FERAS À SOLTA</i>	101

Capítulo 1

MÁRIO DE ARTAGÃO: O ESCRITOR E A SUA OBRA

Portugal e Brasil constituíram países com profundas raízes históricas em comum, resultando de uma inter-relação secular entre metrópole e colônia e que teria continuidades mesmo após a emancipação política brasileira. Dentre os fatores que aproximaram as duas nações estavam os vinculados às questões culturais, desencadeando-se significativas aproximações entre brasileiros e lusitanos notadamente no que tange ao âmbito literário. Tais permutas recíprocas no campo cultural iriam se manifestar fortemente através do intercâmbio de intelectuais de lado a lado, havendo uma constante corrente migratória transoceânica de escritores em geral, poetas, jornalistas, caricaturistas e tantos outros amantes e profissionais das letras. Nesse cenário de mútuas trocas esteve inserido o poeta e jornalista brasileiro e sul-rio-grandense Antônio da Costa Corrêa Leite Filho, que ficaria mais conhecido pelo pseudônimo Mário de Artagão, adotado em suas lides literárias.

Mário de Artagão nasceu na cidade do Rio Grande, a 16 de dezembro de 1866. Pertencia à família abastada vinculada às atividades mercantis, o que permitiu a execução de seus estudos na Europa, concluindo o curso de Humanidades no Porto e frequentando cursos superiores em Paris e em Hamburgo, na qual ingressou na Facul-

dade de Filosofia e Direito, bacharelando-se na primeira área, mas não completando o curso jurídico. De volta ao Brasil, foi representante do empreendimento familiar no Recife e no Rio de Janeiro, lugares onde também deu vez a seus pendores intelectuais, até retornar à sua cidade natal para assumir a direção da firma comercial Leite & Cia. Ltda. Como intelectual, exerceu significativa carreira de jornalista, tendo escrito na *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro, no *Correio Mercantil* da localidade gaúcha de Pelotas, no *Artista*, no *Echo do Sul* e no *Rio Grande do Sul*, todos da cidade onde nasceu. Foi também no Rio Grande que fundou o periódico *A Actualidade* (1892-1893) no qual sustentou suas ideias monarquistas em plena oposição à ditadura republicana castilhistas que dominava o Rio Grande do Sul à época, o que acarretaria ferrenha perseguição política ao escritor.

Representando o típico intelectual de seu tempo, Artagão atuou em múltiplas áreas. Afora poeta e jornalista, foi também professor, filósofo, conferencista e teatrólogo. Era poliglota, dominando além da língua materna, o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e o italiano. Foi membro-fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, em 1902, além de ter sido membro de academias literárias em Paris e em Hamburgo. Enquanto permaneceu no Brasil, inaugurou sua vida literária com o lançamento de *As infernais*, em 1889, que já contaria com uma segunda edição no ano seguinte, e deu prosseguimento a tal carreira com a edição de *Psaltério* (1894), *Psaltério na quermesse* (1896), *Janina* (1900) e *Música sacra* (1901). Além disso, contribuiu com poemas para o *Almanaque Literário e Estático do Rio Grande do Sul*, o *Almanaque Popular Brasileiro* e o *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*¹.

¹ Dados biográficos expressos através de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. p. 242-243; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1978. p. 308-309; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987. p. 51-53; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: "A Nação", Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 268.

Tendo em vista sua militância política monarquista, Mário de Artagão foi alvo das típicas perseguições sofridas por intelectuais nos primeiros tempos da república brasileira. Os modelos autoritários na esfera federal e especificamente o de Júlio de Castilhos no âmbito estadual desagradaram profundamente os defensores de estruturas mais liberais e/ou aqueles que foram desalojados do poder com a mudança da forma de governo. Dentre os descontentes, os monarquistas buscaram também arregimentar forças no combate ao novo regime. Tais embates se deram em escala maior por meios de intelectuais e nesse quadro agiu o escritor rio-grandense que se colocou não só na oposição, mas também na resistência aos governantes. Buscando sustentar sua convicção monárquica, o autor enfrentou enquanto pode o cerceamento, a censura e a repressão, colocando-se como um dos arautos daqueles que estavam em desarmonia em relação à situação governativa. A seu modo, Artagão representou uma daquelas tantas vozes discordantes que viriam muitas vezes a serem caladas e, mais tarde, apagadas da memória política gaúcha pela imposição do modelo castilhista-borgista, predominante por décadas a fio na conjuntura sul-rio-grandense².

Tamánhas perseguições fizeram com que Artagão tivesse de abandonar o jornalismo³ e chegasse a ter de refugiar-se por oito meses no consulado inglês. Tais desgostos com os rumos autoritários predominantes, acrescidos ao falecimento de seu pai, constituiriam acontecimentos que fizeram com que o poeta acabasse por vender o valioso patrimônio familiar e optasse por um autoexílio em terras portuguesas, tendo se mudado para Lisboa, em 1905, permanecendo ali até o seu falecimento em 16 de agosto de 1937. O exílio acabaria se tornando adoção e o escritor gaúcho elegeria Portugal, berço de seu pai, como o seu novo lar. Intelectualmente, abandonaria a carreira de jornalista

² ALVES, Francisco das Neves. O debate político “monarquia x república” no discurso de um intelectual sul-rio-grandense. In: *Anais do XI Encontro Estadual de História*. Rio Grande: FURG, 2012. p. 369.

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 263.

militante, evitando qualquer comentário e guardando o mais profundo silêncio sobre a política da sua terra natal, preferindo não se ocupar das facções que governavam o Brasil⁴.

Além de ter abandonado o debate político, nos primeiros anos em Portugal, cuidando da adaptação de sua família, o escritor viu-se abstraído e quase desquitado da pena, com a qual vivera intimamente por tantos anos e até, ao menos na aparência, amuado da convivência ativa com a poesia⁵. Passado algum tempo de sua instalação na nova e adotiva pátria, Artagão voltaria a dar vez e voz à sua verve literária. Ele lançou uma segunda edição de *Janina* (1907) e de *Psaltério* (1912), bem como uma terceira edição de *As infernais* (1914). Além disso, publicou os poemas *No rastro da águias* (1925) e *Rimas pagãs* (1933), a conferência *Helláda – ninho dos deuses* (1934) e o drama *Feras à solta* (1936). Ainda são citadas em suas próprias publicações, como obras inéditas do autor, o drama *A taça*, o romance *O senhor deputado*, o poema sociológico *Crepe* e o estudo *Darwinismo e deísmo*. Em Portugal, contribuiria com seus poemas em várias publicações como *Brasil – Portugal: revista quinzenal ilustrada* e *Atlantida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil*.

Ao longo de sua atuação literária, o autor manifestaria as várias etapas de sua formação estudantil e acadêmica, bem como suas cargas de leitura e vivências na Europa⁶. Dessa forma, foi no continente europeu que Mário de Artagão recebeu a educação literária que o extremou da cultura gaúcha em geral, de modo que a leitura de seus versos tinha por significado respirar o clima espiritual europeu, percorrer velhos caminhos do Ocidente e sentir o *pathos* lírico de povos mais velhos, mais próximos da matriz latina. Apesar de um germanismo inicial,

⁴ SARMENTO, José. O grande exilado. In: *Ilustração Portuguesa* – edição semanal do jornal *O Século*. Lisboa, 22 abr. 1907. n. 61. v. 3. p. 494.

⁵ FREITAS, José Joaquim de Senna. *Ao veio do tempo (ideias, homens e fatos)*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira Livraria Editora, 1908. p. 352.

⁶ ALVES, Francisco das Neves. A produção literária de um poeta sul-rio-grandense: uma breve incursão ao pensamento e à obra de Mário de Artagão. In: *Cadernos literários*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2011. v. 19. p. 51.

suas maiores influências ficariam marcadas pela interpretação de autores portugueses, a partir dos quais deu arras ao seu inconformismo e à sua revolta, da qual passaria ao saudosismo. Foi um pouco de tudo, tendo misturado germanismo e lusitanismo, religiosidade e ateísmo, suavidade e rudeza, constituindo uma curiosa figura, pois conseguia ser ao mesmo tempo rebelde e inquieto, monarquista em política e darwinista em ciência⁷. Esse ecletismo do escritor é observável a partir da análise de duas de suas derradeiras obras – *Rimas pagãs* e *Feras à solta*, escritas durante seu autoexílio em terras lisboenses.

Afastado das ardorosas lutas políticas da época da militância monárquica, Mário da Artagão não iria abandonar suas convicções, fenômeno bem demarcado em vários necrológios publicados junto à imprensa portuguesa e brasileira, em agosto de 1937, por ocasião de seu falecimento, os quais enalteciam seu valor como intelectual e destacavam seu apego imutável aos princípios monarquistas. Tais ideias ficavam expressas mesmo que nas entrelinhas de *Rimas pagãs*, assim como o anticlericalismo e as denúncias pelas mazelas sociais afluavam bem mais evidentemente em *Feras à solta*. Desse modo, nas mais de três décadas em que viveu em Portugal, o poeta continuava expressando suas crenças e opiniões adquiridas ao longo de sua vida. Ele conviveu com diferentes formas de ver e pensar as sociedades, assimilando-as, apreendendo-as e interpretando-as à sua maneira, resultando em ideais uniformes e/ou amalgamados que compuseram suas convicções, as quais inevitavelmente viriam a marcar a sua produção literária, fosse aquela elaborada na juventude ou ainda quando estava em seus estertores, resultando numa obra ímpar e particular no rol daquela intelectualidade que tanto serviu à expansão das inter-relações e intercâmbios culturais no âmbito luso-brasileiro⁸.

⁷ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 317-320.

⁸ Textos introdutórios ao longo do livro elaborados a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Um poeta brasileiro no exílio: duas obras de Mário de Artagão escritas e editadas em Lisboa. In: *Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2014. v. 7. n. 1. p. 40-48; e ALVES,

Francisco das Neves. História e Literatura: interfaces na obra de um escritor sul-rio-grandense (Mário de Artagão, 1892-1894). In: *Historiae*. Rio Grande: Editora da FURG, 2015. v. 6. n. 1. p. 9-28.

Capítulo 2

RIMAS PAGÃS

O livro *Rimas pagãs* foi publicado em 1933, nas Oficinas da Sociedade Nacional de Tipografia em Lisboa. Na parte introdutória da obra, intitulada “Asas despertas”, o autor fazia uma “Invocação à musa”, referindo-se à inspiração para elaborar seus escritos e lembrava seu afastamento das lides literárias por algum tempo, além da diminuição no seu ritmo de produtividade durante seu autoexílio em terras portuguesas, mormente, se comparado com a intensidade criativa de seus anos iniciais como escritor. Nesse sentido, Artagão dizia que andava de todos esquecido, reconhecendo que a culpa para tanto era sua, mas, embora tarde, a musa o tinha de volta, como outrora, turbado pelo hálito florido de tal fonte inspiradora. Ele afirmava ainda que queria achar o céu perdido e de novo encontrar a mesma aurora, na ardente e clara vibração sonora do seu lírico verso adormecido. O poeta invocava a musa, insaciado e cheio de amor, numa febre de anseios fortes, buscando a curva dos sagrados flancos daquela figura mítica, imaginando que ela, como mulher, não se importaria que ele já possuísse alguns cabelos brancos¹.

¹ ARTAGÃO, Mário de. *Rimas pagãs*. Lisboa: Oficinas da Sociedade Nacional de Tipografia, 1933. p. 7.

Os sentimentos amorosos de Artagão afloravam na primeira parte de *Rimas pagãs*, intitulada “Diálogos cor de rosa”, composta essencialmente de conversas travadas entre “Ele” e “Ela”, trazendo em si o significado das inter-relações masculino – feminino e variadas facetas dos encontros e desencontros da vida a dois. Em “O supremo amor”, o diálogo traduzia o arrependimento de um homem que abandonara sua amada e buscava o perdão da mesma que permanecia irreduzível, culminando com a descoberta da parte dele que daquela relação resultara um filho. “Dominó lilás”, por sua vez, trazia um homem e uma mulher já não tão jovens, que conversavam sobre presente e passado, buscando superar sem sucesso uma traição. Já “O eterno fim” mostrava o desgaste das relações matrimoniais, revelando o cansaço que o passar do tempo e a rotina provocavam no seio do casamento. Em contrapartida, “O meu relógio” revelava a superação de tais inconvenientes na vida conjugal, obtida por meio da compreensão mútua. “Encontro tardio”, por sua vez, retornava à amargura de duas pessoas que, apesar de enamoradas, seguiram destinos diferentes, ela casara e ele, que permanecera solteiro, buscava, sem sucesso, retomar o passado perdido. Uma paixão lânguida aparecia em “O casaco de peles”, que aludia aos mistérios indissolúveis envoltos na escolha entre a aparência física e o verdadeiro amor. Finalmente, “Num salão de antiguidades”, abordava as relações homem – mulher, com base no antagonismo entre uma vida baseada nos pecados mortais e carnisais e outra, alicerçada num amor “eterno, nostálgico e bendito”².

“Conversando com os deuses” servia de título à segunda parte de *Rimas pagãs*, na qual Artagão versava sobre uma de suas paixões voltada às mitologias e à antiguidade, sem deixar de associar tais incursões à sua inspiração amorosa. No primeiro poema, “A aposta de Frinéia”, a bela e inspiradora cortesã helênica dialogava com uma turba, servindo a conversa de cenário para a participação de várias deidades e personagens da Grécia Antiga, e para a aclamação da superioridade do feminino sobre o masculino. A seguir o poeta trazia “O

² ARTAGÃO, 1933. p. 9-49.

sonho do faraó” no qual, em meio à participação de várias entidades da mitologia egípcia, encenava a entrada de um saqueador na tumba do soberano, o qual não se importava se o invasor pilhasse todas as suas riquezas, desde que lhe poupasse o vaso com as suas vísceras, pois ali estavam o seu coração e o da mais linda mulher que amara em todo o Egito. Já em “A história de Narciso”, o escritor, mais uma vez lançando mão de vários seres míticos, contava em versos a vida, a morte e o renascimento em forma de flor deste personagem. “Zeus munificente”, por sua vez, retratava uma passagem na qual a divindade máxima grega concedia a dois anciãos que lhe haviam dado guarida o pedido de viverem juntos para sempre, transformando-os em árvores, desejo também manifesto por Artagão para si próprio em relação à sua amada³.

Rimas pagãs prosseguia com “As minhas sonatas”, a terceira parte, na qual predominavam incursões e devaneios do autor em relação a suas próprias memórias. Em “O estojo misterioso”, o poeta lembrava a sua época de estudante na Alemanha, fazendo alusão a uma imaginária excursão arqueológica, na qual encontrava o crânio de uma mulher que sonhara viver para sempre. Já no poema “Na praia”, em meio ao mar, às estrelas e às areias, Artagão rememorava o perfume de sua amada junto ao ambiente balnear, algo extremamente comum para quem vivera em lugares visceralmente ligados às águas, como Rio Grande, Rio de Janeiro, Recife e Lisboa. Em “Resposta à tua carta”, o escritor associava as missivas de sua amada com o perfume das flores. A seguir, apresentava “Nervos” no qual traçava analogias entre as práticas comezinhas da maquiagem feminina e os contratempos da vida a dois. A comparação também predominava em “A ave ferida”, desta vez entre um pássaro abatido e as fraquezas femininas. “Embriaguez cor de rosa” mostrava uma paixão ebriosa em meio às belezas da natureza e das mulheres. Em seguida, apresentava “Berço de espumas” no qual descrevia a beleza feminina ao longo dos tempos, utilizando-se desde preceitos da cultura grega clássica até o darwinismo. “Esfinge”

³ ARTAGÃO, 1933. p. 51-72.

abordava o desejo pelo beijo de uma mulher que resistia, apesar da passagem do tempo e do fim da mocidade. No próximo poema, “O verbo amar”, o autor abordava um de seus temas de preferência, mas, além do amor conjugal, lembrava também os sentimentos de amor à pátria, tanto a de nascimento quanto a adotiva. Logo a seguir escrevia “Sofreguidão”, um apelo para que a amada não fosse embora, “A ilha encantada”, na qual pretendia levar sua alma gêmea para um lugar utópico, “Pastoral ao piano”, retratando o namoro em um baile, “Temporal desfeito”, no qual evitava que a namorada se expusesse à chuva, “Amor silencioso”, referindo-se a um romance secreto e “O voo nupcial”, em que fazia uma analogia entre a vida amorosa das mulheres e o comportamento das abelhas em uma colmeia⁴.

Foi na última parte de *Rimas pagãs*, denominada “Pátria distante”, que Mário de Artagão realizou algumas breves incursões às suas vivências anteriores ao exílio, revelando certas recordações da nação que tivera de abandonar. O saudosismo do poeta se manifestava com veemência como no caso do poema “Terra à vista”, no qual descrevia as grandezas brasileiras, notadamente no que tange à natureza e à geografia de seu país. Ele se referia ao “albatroz errante” da saudade que o levava ao mar rumo ao sul distante, em referência ao Brasil, com especial alusão ao “rútilo Amazonas”, cujas águas, enfrentando as oceânicas, serviriam como seu guia para, em um “largo voo astral”, poder chegar aos “fulvos areais” de sua “pátria amada”⁵.

Por meio dos versos intitulados “O primeiro beijo”, o escritor fazia uma associação entre sua “Pátria distante” e aquela que adotara como novo lar e na qual já residia há quase três décadas. Nesse sentido, Artagão buscava reproduzir através da poesia a intersecção entre Portugal e Brasil, reconstruindo o encontro do luso colonizador com os habitantes originais dos trópicos. Ainda que chamasse os lusitanos de invasores, o poeta apresentava uma versão romantizada da ocupação das terras brasileiras e a formação de um novo povo, o qual teria se

⁴ ARTAGÃO, 1933. p. 73-112.

⁵ ARTAGÃO, 1933. p. 115-116.

originado de uma miscigenação pacífica, resultado de uma supostamente harmoniosa união entre os brancos e as índias, abençoada por uma divindade indígena que representava o amor⁶.

Como se elaborasse uma resposta a todas as correntes nacionalistas, xenófobas e anti-lusitanas que campearam pelo Brasil em diversas épocas, notadamente durante a implantação ditatorial da república, contra a qual tanto Mário de Artagão lutara, o poeta absolvía os colonizadores lusos de qualquer teor de violência durante a conquista da América meridional, apresentando mais uma vez a visão de um harmônico casamento inter-racial entre nobres portugueses e valentes indígenas, o que teria dado origem a uma “briosa” nação brasileira. Lançando um olhar sobre o passado colonial luso-brasileiro, e evocando uma suposta união entre portugueses e indígenas, o escritor não deixava de lembrar, ainda que nas entrelinhas, algumas de suas convicções, notadamente ao exclamar que eram os brasileiros “filhos de reis”⁷.

As saudades de Artagão ficavam expressas também no poema “As duas bandeiras”, no qual ele acabava por fazer uma comparação entre o Brasil da época monárquica e o outro, sob a égide da república. A bandeira figurativamente representava a nação brasileira, servindo para mais uma vez exaltar as exuberâncias do país tropical. As preferências monarquistas do poeta ficavam bem demarcadas no amplo destaque dado às vitórias do império brasileiro nos enfrentamentos bélicos que teve em relação a seus vizinhos platinos, lembrando as derrotas de paraguaios, argentinos e uruguaios diante das forças militares imperiais⁸.

Ainda que chegasse a também reconhecer alguns avanços sob a forma de governo republicano, mormente no que tange à expansão e à consolidação das fronteiras nacionais, citando algumas das disputas lindeiras nas quais o país esteve envolvido na virada do século XIX ao XX, Mário de Artagão não deixava de lembrar que alguns dos principais

⁶ ARTAGÃO, 1933. p. 117-118.

⁷ ARTAGÃO, 1933. p. 118-119.

⁸ ARTAGÃO, 1933. p. 121.

articuladores de tais vitórias brasileiras teriam sido políticos egressos da época imperial, como era o caso do principal deles e que, inclusive, mantinha o título nobiliárquico, mesmo após a queda da monarquia, ficando conhecido como Barão do Rio Branco. Mas as filiações ideológicas do poeta ficavam ainda mais explícitas no encerramento dos versos, nos quais ele chegava a reconhecer o amor pátrio tanto pelo Brasil imperial quanto pelo republicano, mas sua preferência era pela bandeira que encerrava a coroa monárquica, em contraposição à república da espada, contra a qual tanto lutara e sofrera os efeitos do autoritarismo⁹.

Finalmente, ao encerrar *Rimas pagãs*, Mário de Artagão, mantinha o espírito saudosista em relação à sua “Pátria distante”, desta vez trazendo reminiscências de seu torrão natal, lembrando “O gaúcho”, um representante típico da terra e da gente sul-rio-grandense. Este gaúcho do poeta reproduzia a figura que iria cada vez mais se tornar um verdadeiro estereótipo dos nascidos no Rio Grande do Sul, com destaque para a indumentária, os costumes e, fundamentalmente, o arquétipo do “centauro dos pampas”, ou seja, o cavaleiro inseparável de sua montaria em suas lides campeiras. Mas, ao mesmo tempo, o escritor lembrava uma “alma heroica” do gaúcho, numa alusão a outra característica atribuída aos antigos habitantes das terras rio-grandenses, voltada a um espírito libertário, que fora condenado por quatro décadas de domínio de um regime ditatorial, exatamente aquele contra o qual Artagão se opusera e se rebelara nos primórdios da república e que, já nos anos trinta, parecia finalmente superado¹⁰.

Desse modo, o livro *Rimas pagãs* trazia em seu conteúdo várias facetas do eclético pensamento de Mário de Artagão. Apesar do predomínio dos versos voltados aos sentimentos mais íntimos, o poeta destinava também significativa parte da obra para dissertar sobre uma de suas predileções ligadas ao mundo antigo e, mais especificamente, às figuras mitológicas. Ainda que tivesse desistido das lutas político-

⁹ ARTAGÃO, 1933. p. 122.

¹⁰ ARTAGÃO, 1933. p. 123.

-partidárias, abandonando sua ativa militância ideológica através das páginas dos jornais, após adotar Lisboa como seu novo lar, a saudade falou mais alto e o escritor não deixaria de lembrar sua terra natal, fosse o Brasil como um todo, fosse o Rio Grande do Sul em particular. E, ainda que nas entrelinhas, os poemas que serviam para lembrar a pátria distante no tempo e no espaço, traziam pequenos vestígios da época de lutas por ele empreendidas. Segue o texto integral da obra de Artagão.

ASAS DESPERTAS INVOCAÇÃO À MUSA

Ando, ai de mim, de todos esquecido!
Bem sei que a culpa é minha. E tarde, embora,
Aqui me tens, ó Musa, como outrora,
Turbado por teu hálito florido!

Quero de novo achar o céu perdido,
Quero de novo achar a mesma aurora
Na ardente e clara vibração sonora
Do meu lírico verso adormecido!

Hoje, insaciado, o meu amor te invoca!
E nesta febre dos anseios fortes,
Ao ver que audaz te busco a linda boca,

E a curva busco dos sagrados flancos,
Como és mulher, talvez que não te importes
Que eu tenha, a mais, alguns cabelos brancos! . . .

DIÁLOGOS COR DE ROSA O SUPREMO AMOR

*Sobre a secretária, ao lado duma jarra
florida, um lindo retrato de rapaz*

ELA

Sem surpresa, vendo alguém entrar correto e elegante

Vieste?

ELE

A desmaiar ao pé da tua porta!..

ELA

Não procures o amor numa alma que está morta...

ELE

Eu não te peço amor... O que peço é perdão!
Não me queiras matar essa última Ilusão,
Que é tudo que ficou das noites infecundas
Que nos cavam no lábio as rugas muito fundas!
Andei, como um beduíno, atrás d'uma miragem,
Que de tanto mentir...

ELA

Te apagou minha imagem
No opiado céu azul dos venenos sutis...

ELE

A falar-te a verdade... eu nem sei o que fiz!
Só sei que abandonei, n'um minuto impreciso,
O Anjo que Deus me pôs de guarda ao Paraíso...
É tão doce o perdão n'um lábio de mulher!

ELA

Um lábio que pertence àquele que mais der!

ELE

Não me faças sofrer! Irreal, febril, etéreo,
Quis-me inteiro fundir na sombra do mistério!
E por isso fugi... Fugi-te um dia, é certo,
Para olhar de mais perto a Esfinge do deserto...

ELA

irônica

Tens os olhos azuis?

ELE

Tem os olhos parados,
Para não ver a dor dos grandes desgraçados!
Não mereço perdão!

ELA

E vens aqui pedi-lo?!

ELE

Para morrer, meu Deus, um pouco mais tranquilo!

ELA

Sou-te franca!... Nem sei, nesta minha agonia,
Se contigo vivi, a sonhar, algum dia!...

ELE

Esqueceste-me... e é justo!

ELA

E natural também!
Evocar a Saudade é morrer por alguém...
E eu preciso viver!...

ELE

Tens tanto amor à vida?!

ELA

Um amor de loucura!... Uma ânsia indefinida
De viver e de amar, sem perder um momento,
N'um delíquio imortal de sonho e encantamento!

ELE

Não sei se deva ousar!...

ELA

Queres saber talvez... .

ELE

Se me engana esse olhar que eu beijei tanta vez!
Não te quero magoar!... Não tenho mais direito
A ouvir o coração que te bate no peito...
Mas aqui entre nós: - ...

Hesitando

Tu não pecaste ainda?!. . .

ELA

Não te minto. . . Pequei! . . .

pausa

Mas não foi por ser linda!
Troquei o teu amor. . . teu falso amor d'outrora,
Por um amor ideal de que me nutro agora! . . .

ELE

resignado, fitando o retrato

Não te posso acusar! Mereço o teu castigo!
Adeus! Adeus! Adeus!

ELA

com suprema calma

Onde vais, meu amigo?

ELE

Fugir uma outra vez! Entre o meu lábio e o teu
Sinto um frio de morte. . .

ELA

E eu sinto arder um céu!

ELE

tomando o retrato e fixando-o demoradamente

Este olhar me conturba! . . . Há nele tanto brilho!
E não o chego a odiar! . . .

ELA

em delíquio

Pudera! É nosso filho! . . .

O DOMINÓ LILÁS

ELA

acercando-se d'uma mesa florida

Perdão! . . . Sereis demais!

ELE

Talvez um pouco audaz! . . .

ELA

Mais formosa que audaz! . . .

ELE

Um dominó lilás
Dá-me sempre a impressão nostálgica e dolorida,
D'um sonho que, a rezar, vivi numa outra vida!
Vai tão longe. . . tão longe. . . a minha mocidade!

ELA

Não vim para pedir-te a certidão de idade. . .

ELE

Agrado-te?

ELA

Não sei! . . . És tão impertinente! . . .
A fulva combustão dessa orquídea insolente
Lembra uma chaga aberta. . .

ELE

Um modelo perfeito
D'uma outra que, a sangrar, eu trago aqui no peito. . .

ELA

Pareces-me sincero! . . .

ELE

O que sou, nem eu sei!
Apenas sei que sofro, e apenas sei que ameil. . .

ELA

Vais daqui, direitinho, a parar n'um museu. . .

ELE

Não rias, que inda há luz a cantar no meu céu!

ELA

Detestas o Museu?!

ELE

Cheira a mofo e bafio. . .
Há lá Faraós. . . além de muito frio! . . .

ELA

Tens razão! A pleurite é muita vez traiçoeira! . . .
Prefiro nesse caso expor-te numa feira!

imitando

“– Rapazes! Vinde ver! . . . É a última semana! . . .
Vinde ver como baila a múmia americana! –!

mudando de tom

Hoje que as filhas d'Eva, em bandos imortais,
São braça gentis de flores insexuais,
Hoje que, petulante, uma boca harmoniosa,
Fuma cachimbo, em vez de morder uma rosa,
N'um anseio assim linear e de audácia e de pecado,
Inda vive de amor... e sonha o Desgraçado!..

ELE

Ri-te à vontade! Ri-te!.. E insulta uma agonia,
Que triste e parvamente afojo em malvasia!
É preciso mentir! É preciso sonhar!
As febres, para mim, são feitas de luar...
Olha esta mesa!.. Fui eu próprio que a flori,
Para ver como nasce a luz dentro de ti!..

ELA

Começas a mentir...

ELE

Começo por amar-te!..
Mentir sinceramente, é também fazer Arte!
Vamos! Bebe e desperta! Uma taça e uma flor
Gostam sempre de ouvir palpitações de amor!..

fitando-a em êxtase

Dulcíssima visão!

ELA

Visão enganadora!

ELE

Eu gosto da mentira, assim perturbadora...

ELA

Pois eu não minto nunca!

ELE

É pena!... E francamente,
Chego quase a odiar a mulher que não mente!
Salmão ou lagostim?... Façamos uma aposta!
Preferes o salmão?...

ELA

Eu prefiro a lagosta!

ELE

Enganei-me... e inda bem! Engana mais ainda!
Eu vou jurar que és feia!...

ELA

Enganas-te! Sou linda!

ELE

Como eu gosto de ti!

ELA

Inflamas-te por pouco!

ELE

É que tu, a mentir, vais dar comigo em louco!
Viver sem ilusões... bem vês! Não vale a pena!
És loira, com certeza!

ELA

Erraste! Sou morena!

ELE

É assim que te quero!... altiva, esbelta, esguia,
Com esse olhar de fogo...

ELA

E a alma muito fria!

ELE

O remédio aqui tens... Não percas este ensejo!
Um vinho... um vinho d'oiro! E após o vinho, um beijo!

ELA

Eu já não sei beijar...

ELE

Que importa, se és beijada?!
O sol nunca pediu licença à madrugada
Para bebê-la toda em chamuscas e ciúmes,
Tonto de amor e luz... e tonto de perfumes!

ELA

Não te posso negar que tens alguma graça
A pescar madrigais no fundo d'uma taça!

ELE

O punhal a brilhar na sombra do Mistério!..

ELA

Que queres?! Eu não posso... eu não te tomo a sério!

ELE

Fazes mal! Ajoelhado aos pés d'uma mulher,
Um homem, a chorar, não mente quando quer!
Dá-me beijos! Ouviste?! E beijos em revoada,
Nessa boca que lembra outra boca adorada!..

ELA

desfalecendo

Mas tu mentiste um dia...

ELE

Uma doce aventura,
Que quando faz sofrer, é sempre uma loucura...
Pequei... pequei de amor!... Um desejo entre dois...

ELA

Um momento de febre... e o abandono depois!

ELE

E como o sabes tu?

ELA

É tão velha essa história,
Que não custa a ninguém trazê-la de memória...

ELE

Uma história banal...

ELA

Tens remorsos?

ELE

Talvez!...

ELA

Morrerias de amor, se a visses outra vez?!

ELE

De amor... de amor não sei! Mas de ânsias, com certeza!
Confesso-me... bem vês!...

ELA

Foi pena essa franqueza!
Mataste um sonho azul... essa alegria doce
De ser por ti amada, um pouco inda que fosse!
Sem querer, afinal, falaste-me a verdade”!
Nunca amaste a mulher! Tu amas a saudade,
Apenas a saudade imensa, indefinida,
Da mais linda nudez que achaste em tua vida!...

ELE

quase bêbado

Há que tempo isso foi!... Loucuras de rapaz!...
Uma asa a farfalhar n’um dominó lilás...
Um Sonho do passado!...

ELA

E que ainda esvoaça...

ELE

sempre a beber

E que eu tenho esquecer na espuma desta taça!

ELA

tirando a mascarilha

Conheces?!...

ELE

alucinado

Céus!... És tu?...

ELA

Com vinte anos a mais!
Mas ainda formosa a pedir madrigais!...

ELE

Não fujas!...

vendo-a erguer-se

Onde vais?...

ELA

Em busca d'outro ninho!

ELE

súplice

Não te vás! . . . Não te vás! . . .

vendo-a desaparecer, num repente, ao criado

Rapaz! . . . Traz mais vinho!

O ETERNO FIM

ELE

Vamos! Não sejas má!
Há tempos para cá,
Não és a mesa! . . . Sinto que o não és! . . .
A minha mão já não te aperta a liga,
Nem o meu lábio pousa nos teus pés. . .
Não és, enfim, a mesma doce amiga! . . .
Que tens? . . . die o que tens!

ELA

Não sei! . . .

ELE

Cansaço!
Deve ser isso!.. A morte do desejo!..
A dormência fatal de tanto abraço,
O cansaço, talvez, de tanto beijo!..

O MEU RELÓGIO

Que vês por trás do céu? – A Insaciedade!
E atrás da insaciedade? – Um Infinito!
E atrás desse infinito? – O olhar bendito,
O teu olhar de mansa claridade!

Que pode haver na Dor? – Profundidade!
E na profundidade? – o eterno grito!
E neste eterno grito? O lábio aflito
De quem morre de amor e de saudade!..

E não perguntes mais, ó doce amiga!
Dormente e musical, basta que eu diga
Que a minha vida tépida e tranquila,

Nas lindas horas claras de luar,
Como um ponteiro, lentamente oscila
Entre o meu lábio e o teu bendito olhar!..

ENCONTRO TARDIO

Noite de baile. N'um balcão sobre o parque.

ELA

Encontro-vos, enfim! O mesmo olhar d'outrora!
O mesmo aprumo audaz! Em tudo a mesma aurora!

ELE

Uma aurora sem sol... mas que guarda o frescor
D'um lindo céu azul da mocidade em flor!

ELA

Como foi longa a ausência!... E é bonito o Oriente?

ELE

Tudo é bruma e algidez quando a alma anda doente...

ELA

Uns vinte anos de Sonho!...

ELE

Uns vinte anos de luto,
Contados, a chorar, minuto por minuto!

ELA

Difícil de vos crer! . . . Apesar das neblinas
Vistes passar, bailando, etéreas, pequeninas,
As formas sensuais das gueixas em quimono?!

ELE

Sonatas de ópio, azuis, embalando o meu sono. . .
Narcóticos da dor! . . . Veneno enluarado,
Que me encheu de visões. . . as do nosso noivado!

ELA

Estais solteiro ainda?

ELE

Um albatroz sem ninho,
Que de tanto voar, se perdeu no caminho. . .
E vós?

ELA

Casei-me. . .

ELE

Sei. . . Conheço toda a história. . .
De resto, já a arranquei há muito da memória!
Sois ao menos feliz! . . .

ELA

Como Deus bem o quis!
Já vistes neste mundo uma mulher feliz?

ELE

Eu pensei tanto em vós! . . . Quantas horas perdidas
Nas noites de luar das nossas duas vidas!

ELA

Perdidas para os dois, porque não fomos francos. . .

ELE

Bastam para as contar os meus cabelos brancos!
Quantas vezes premendo a vossa mão nervosa,
Julguei esmigalhar nos dedos uma rosa!
Quantas vezes bebi, na valsa fugitiva,
O perfume sutil da vossa boca esquiva!

ELA

Só disso vos lembrais?

ELE

Perdoai, se vos disser
Que amei um anjo, em vez de amar uma mulher!
O que a mim me perdeu, e vos perdeu, Senhora,
Foi a nesga de céu que eu vi, deslumbradora,
A boiar na pupila azul do vosso olhar! . . .
O céu deve ser bom. . . mas só para rezar. . .
E nesta contrição de saudades mortais
Perdi-me e vos perdi, porque rezei demais!

ELA

Búdico e soluçante ouço falar um monge
De bruços sobre um sonho! E o sonho vai tão longe!

ELE

Monge, por vossa culpa! Eu sempre fui ousado. . .

ELA

No mar-alto talvez. . . mas cobarde a meu lado! . .

ELE

É certo! Eu jamais quis que vos manchasse um beijo!
Não foi por timidez. . .

ELA

Nem por falta de ensejo! . .

ELE

Poupai-me essa ironia!

ELA

É a minha vingança!
Fui tão loira e gentil! . .

ELE

Mas éreis tão criança!

ELA

Como um Fausto infeliz sonhastes toda a vida,
Para a sombra encontrar, enfim, da Margarida!

ELE

Vivi de madrigais...

ELA

Foi esse vosso mal...
Um beijo vale mais que a flor de um madrigal!...
O amor, dentro de nós, é mais que um sentimento...
É a vibração mortal d'um divino momento,
A pedir, sem pecar, a asa d'um carinho...
Devem de ser assim os frêmitos d'um ninho!
Ai, se o homem soubesse o minuto em que a esfinge
Abre os élitros d'ouro... e freme... e sofre... e finge!

ELE

Era então a fingir que uma loira noviça
Me levava, submisso, a ouvir com ela a missa!...
Tantas vezes dobrei na ermida os meus joelhos...
Que até sei, um a um, de cor os Evangelhos!...

ELA

Uma alma para o céu. . .

ELE

Uma alma torturada,
Que esteve ao pé do sol sem ver a madrugada! . . .

ELA

Mas que mania, a vossa! . . . outra vez, madrigais! . . .

ELE

Ouvis cantar um cisne! E de certo perdoais! . . .

ELA

Vem tão tarde o perdão. . .

ELE

O perdão, na verdade,
Costuma abrir, chorando, o coval da saudade. . .
Mas quando tudo esquece e tudo se perdoa,
O sonho amortalhado inda pensa que voa!

ELA

Que implacável destino, o nosso, ó doce amigo,
Vendo florir no outono o nosso amor antigo!

ELE

Há tanta morbidez nas sombras d'uma tarde!

ELA

Por desgraça esqueceis que a chama já não arde
Nessa pupila azul do vosso encantamento. . .

ELE

Mas eu não vos perdi! . . .

ELA

Perdemos o momento!

ELE

Uma hora a vossos pés, de coração aberto,
Uma hora de emoção, não me negais de certo!
D'essa boca de mel, tão cheia de frescor,
Divinamente escorre um gosto. . . inda de flor! . . .
Deixai que a beije e sinta em conturbado anseio,
Como um eco do mar, bater o vosso seio. . .

*beija-a brutalmente, esfolhando
a rosa que ela traz no decote*

ELA

Que gesto tão brutal! E inútil sobretudo,
Porque, em suma, sabeis que um beijo não é tudo!

ELE

A boca que se entrega, hipnótica e vencida,
Dá-me a doce impressão d'uma emoção enorme,
Se espreita de mais perto um coração que dorme!

ELA

Contentai-vos com pouco! . . .

ELE

Achais então que é pouco,
N'um instante nupcial, perdido como um louco,
Caldear na mesma febre, olímpica e radiosa,
A tarde d'uma boca e a manhã d'uma rosa?!

ELA

Que mal vos fez a rosa?

ELE

Esse mal impreciso
D'um muro que nos quer barrar o paraíso!

ELA

Sonâmbula a sonhar, já pendente da haste,
Uma rosa inda lembra a rosa que esfolhaste. . .

ELE

Apiedai-vos de mim! O rouxinol divino
Que alígero passou sobre o nosso destino,
Nenhum de nós o ouviu. . .

ELA

Não ousastes. . . nem eu!

ELE

Deixei-me adormecer sobre o beiral do céu
Das castas ilusões. . .

ELA

E rezastes demais. . .
Um cego nunca deve andar pelos beirais! . .

ELE

Um gesto menos vago. . . um passo mais à frente,
E só vosso eu seria. . .

ELA

E eu vossa eternamente! . .

ELE

Perdão! Perdão! Perdão! Neste encontro d'agora
Inda há résteas de luz da nossa antiga aurora!

ELA

Uma aurora sem sol... que só guarda o fragor
D'um céu que desabou sobre um sonho de amor!...

O CASACO DE PELES

ELA

Como é suave a rala das tormentas!
Por esta noite agreste
De tenebrosas ruas lamacentas,
Nem sabes como vou ficar bonita
Na tepidez das peles que me deste!
Na velha Grécia arcádica e bendita,
Azul no mar e azul também no céu,
Ninguém pensou jamais
Nas linhas imortais
D'um corpo como o meu!
Dá-me um beijo!... Mais outro!... Assim... Assim!
Meu Deus" Que desastrado!
Tiraste-me o carmim
Deste sequioso lábio perfumado!
Nervos?... Frivolidade?!
És por demais severo e impertinente!
N'um tórpido desmaio opalescente
É isso o que se faz na minha idade!...
Loucuras? Ardentias?! Mas que queres?
Radiosas, como gostas bem de vê-las,
Nós outras, as mulheres,
Temos a vida heroica das estrelas!
Brilhamos, como sóis, na noite escura,
Para afinal no alvor das manhãs frias,

D'olhos pisados, quase sem frescura,
Morrer todos os dias! . . .
Vais-me chamar tirana,
Porque, febril, me vês andar na moda!
Vais-me chamar leviana
Porque, desnuda, me perfume toda!
Sabes tu, porventura, o que é preciso
Para sermos, n'um mesmo claro instante,
Estrela, mancenilha perturbante
E ave-do-paraíso?!
Sou eu, mordente, que te beijo agora! . . .
Vê como ruge o temporal, lá fora!
Beija-me. . . ouviste? E leva-me a bailar!
Vamos bailar nas salas turbulentas,
Onde parece, em seduções nevoentas,
Quero ser adorada
E por lábios vermelhos denegrada!
A vida é a ronda azul duma alvorada;
E é isto a minha vida! . . .
Com estas peles despertando a inveja,
Friorenta e pequenina,
Muito e muito enroscada no teu braço,
Vou dar, assim medrosa a quem me veja,
A ilusão d'uma estranha zibelina
Que levas a dormir no teu regaço!
Que noite escura! E a chuva sem parar! . . .
Acede ao meu desejo! . . .
Ai! Vamos! Dá-me um beijo!
E leva-me a bailar! . . .

ELE

És perturbante como um bronze antigo! . . .
Não te resisto. . . levo-te comigo!
Mas pálida e franzina,

Deslumbradora e linda
Na tepidez da tua zibelina,
O que eu quisera... e que pretendo ainda,
Ao sopro d'uma edénica emoção
E num desejo louco,
Era aquecer-te um pouco
O pobre e frio e morto coração!

NUM SALÃO DE ANTIGUIDADES

Ela: 38 anos

Ele: 55 “

ELE

Condessa!... Estamos sós!

ELA

maliciosa

Gostais de antiguidades?

ELE

Sim! Gosto da mulher em todas as idades...

ELA

Não falo da mulher!... Atentai nesta cama!

ELE

Um leito tem valor... mas só para quem ama!

ELA

Um dossel de cobalto é como um pátio aberto
Que nos dá a emoção d'um céu visto de perto...

ELE

Eu não digo que não!

ELA

Todo um céu constelado!

ELE

Um céu cheio de luz!... Mas convosco a meu lado...
Quem m'ó dera comprar!

ELA

Quem vos impede?

ELE

Um gesto!
A vossa mão que hesita... Um capricho, de resto...

ELA

Como deve ser bom sonhar n'um velho leito,
Onde um doge sonhou de Cruz de Malta ao peito!

ELE

Em vez da Cruz de Malta, entre rendas e laços,
Perdoai, se prefiro a cruz dos vossos braços!

ELA

Quantas palpitações um leito antigo evoca!

ELE

Se uma boca sorver a vida n'outra boca. . .

ELA

Ai, como sois banais! Estes homens d'agora. . .

ELE

Só fazem o que fez vosso doge d'outrora!

ELA

A carne! Sempre a carne!

ELE

É um pecado grave!

ELA

Um pecado mortal! Não há nada que o lave!

ELE

tirando do bolso um pergaminho

Se a carne tem de ser um pecado mortal,
Não sei para que serve esta bula papal?!

ELA

Há muito tempo já, que vós a possuis?

ELE

Herdei-a dos avós... Vem dos tempos de Avis!

ELA

Na vossa estirpe audaz, se a crônica não mente,
Teve fama um prior que morreu santamente...

ELE

Prior e cardeal... E Legado em Veneza!

ELA

Como um santo varão jejuou com certeza!

ELE

Apesar do respeito augusto que lhe guardo,
Foi com tanto jejum, que deixou um bastardo. . .

ELA

A menos um bastardo ou um bastardo a mais,
Que importa à morbidez das noites medievais?

ELE

As noites são assim! . . Enquanto houver luar
Há de haver rouxinóis, inquietos, a noivar!
Se quereis que vos fale uma linguagem rude,
O que importa e me irrita. . . é a vossa virtude!

ELA

A carne! Sempre a carne!

ELE

O contorno d'um belo seio,
Com rosas a florir, vermelhas, bem no meio! . .

ELA

Uns olhos de mistério. . .

ELE

Absurdos e profundos,
Como a noite nupcial na gênese dos mundos...
A ânfora d'um flanco, hierático e sagrado,
De linhas imortais!... é isto que é pecado?

ELA

E o pé?...

ELE

Esguio e fino... um pé quase sutil
Que pisa, sem magoar, os morangais de Abril!
De resto é tão dorida a vossa palidez,
Que em vendo perto o céu, não olho para os pés!

ELA

E depois?

ELE

E depois... Não sei que mais vos diga!
Toda a ousadia acaba onde começa a liga...

ELA

Mas parai pelo céu!... uma boca rasgada,
Uma boca vermelha, então não vos diz nada?

ELE

Se fosse como a vossa?!

ELA

A minha?...

ELE

E porque não?

ELA

Um madrigal a mais!

ELE

Mais uma confissão!
Feita de florações, n'um recanto dos céus,
Vós sois, pelo perfume, um pecado de Deus!
Toda a vossa beleza, estonteadora e louca
Começa... podeis crer, no hostiário dessa boca
Arqueada, a sangrar, como um alfanje rubro
Que andasse a acutilar um por de sol d'Outubro!

ELA

Seria mais gentil, – falando a uma senhora, –
Que o alfanje acutilasse a boca d'uma aurora!...
Que ideia tão cruel e triste a de lembrardes
A agonia do Sol na extrema-unção das tardes!
Cruel e descortês!

ELE

Perdão! . . . Perdão, Condessa!
A aurora é nada mais que um hausto . . . uma promessa,
Uma flor em botão, que guarda avaramente
O aroma que mais tarde há de entornar no Poente . . .
O sol, quando abre a porta azul d'uma alvorada,
Tem notas de clarim! Na doida cavalgada
Vai despertando ansioso e quase sem carinhos,
As forjas, catedrais, os pâmpanos e os ninhos!
Irrompe, esplende, aturde! E brutalmente audaz
Desvirgina uma rosa ou desnuda um lilás . . .
Metálico e feroz, volúvel, sem pudor,
Em golfadas de luz, anda de flor em flor,
A profanar, radioso, os úmidos ovários . . .
Como um besoiro enorme em busca de nectários,
Na constrição nervosa e quente d'um minuto,
Bate os élitros d'oiro . . . e apenas morde o fruto!
Não vos minto, Condessa! A mocidade é assim!
Nunca reza ao luar, como acontece a mim! . . .
A estrela que palpita e a carne que deslumbra
Só vivem no mistério e fulgem na penumbra . . .
Deixai que o sol descambe! . . . É quando a sombra desce
Que há mais calor no beijo e mais unção na prece!
Aos vinte anos o amor que vem a ser?

ELA

Um hino! . . .

ELE

A que falta a emoção febril d'um violino!

ELA

Estou quase a chorar... Se isso fosse verdade?!

ELE

Sois tão linda a chorar!

ELA

nervosamente

Mas choro de saudade!

ELE

Aí tendes, enfim, a estuar nesse grito,
O amor, o eterno amor, nostálgico e bendito!
Aí tendes, enfim, o que falta a uma aurora: -
Um beijo que soluça... um frêmito que chora!

ELA

baixinho, em deliquo

Acabai, por piedade! O antiquário vos chama!
Aceitai minha mão!... Podeis comprar a cama!

CONVERSANDO COM OS DEUSES
A APOSTA DE FRINÉIA

A TURBA

É Frinéia, a divina! Ei-la que chega enfim!

FRINÉIA

Quem me dera que fosse amada sempre assim!
É tão doce trazer na boca a primavera! . . .
Bailar! . . . Morrer bailando! . . .

A TURBA

E nós à tua espera!
Confessa! Ou vens do estádio ou vens do gineceu?!

FRINÉIA

Indiscretos que sois! . . . Aos pés do altar de Orfeu,
Bailei toda a manhã; e inda trago no ouvido
O encanto musical do alaúde partido. . .

A TURBA

Orfeu! O cantador dos lutos inclementes!
Orfeu! O domador dos mármoreos silentes!

FRINÉIA

Sois cegos e cruéis! Preciso convencer-vos
Que o corpo de Frinéia é um mármore com nervos!
Só é sacra a mulher, que rubra de delírio
Bebe, rezando, o amor no cíato de um lírio! . . .
Sabei, que a cortesã, nas mãos de quem mais der,
Procura ser um astro, antes de ser mulher. . .
Quer vogar na fluidez das líricas estrelas!
Nessa doida ascensão, quer ir de perto vê-las;
E quando em febre cai, poluída n'um abraço,
Faz-se perfume e luz para bailar no espaço!

A TURBA

Por Zeus! . . . Essa beleza eternamente nova
Que é perfume e que é luz, vamos nós pô-la à prova!

FRINÉIA

Ardo em ânsias de ouvir. . .

A TURBA

É uma aposta, ó Frinéia!

FRINÉIA

Se Eros m'ó consentir, e me agradar a ideia,
De certo não me escuso! . . .

A TURBA

Uma ideia famosa,
Em redor da alvorada idílica e radiosa
Desse teu corpo nu! . . .

FRINÉIA

Se o achais tão lindo e claro,
Desde já, bem sabeis, que o vendo muito caro!

A TURBA

Um colar! . . . Um colar de pérolas de Ofir!

FRINÉIA

Deslumbrada, é loucura afinal resistir!
E em troca que pedis?!

A TURBA

Que a tua carne em flor
Faça d'um homem casto um grande pecador!
Xenócrates não tarda! E de certo o conheces! . . .

FRINÉIA

Conheço! . . . Um sonhador, todo voltado às preces
Do hipogeu de Athenaia. . . Um heliasta sisudo
Que sabe mais que a Esfinge! . . . Enfim, que sabe tudo!

A TURBA

Pois bem!.. Vais seduzir o homem mais esquivo
Que haja, um dia, pisado o pátrio solo argivo!

FRINÉIA

Um homem, como são os homens cá na Hélada!
Um disco... um ditirambo... um tálamo, e mais nada!

A TURBA

Enganas-te! A cantar no rastro, dos rapsodos,
É de Attis o rival!

FRINÉIA

Um homem, como todos!..

A TURBA

Vais seduzi-lo!.. Vais entre os astros convulsos
Afogá-lo de amor nas garras dos teus pulsos!
Vais fazer dele o cisne, impúbere e galante,
Que abriu de Leda incauta o ventre palpitante!
Basta para o espertar, até romper o dia,
Que te dês a beber n'um ríton d'ambrosia...
E seja-te propícia a deus Anadyomene!
Ardorosa e ondulante e nua e assim morena,
Arranca-lhe da boca em jambos nupciais
Esse poema azul dos beijos imortais!

FRINÉIA

Que tempo vós me dais?!

A TURBA

Duas Luas!

FRINÉIA

Valeu!

Hei de pisá-lo aos pés! Hei de levá-lo ao Céu!

passadas as duas Luas

A TURBA

Perdeste! . . Tu perdeste, Hetaira luminosa!
De nada te valeu a boca cor de rosa!
De nada te valeu esse olhar doce e limpo
Que enganaria Zeus nos narcisais do Olimpo!
Xenócrates venceu! Indômito e sagrado,
Ei-lo que passa e canta, altivo e sem pecado!

FRINÉIA

tranquilamente

Não sei porque clamais! . . A falar com franqueza,
Se algum de nós perdeu, não fui eu com certeza! . .
Impúdica e feroz, carinhosa e dormente,
De rastros pelo chão, fui mulher e serpente!
Fiz-me sol e luar! Mordi-o todo a beijos!

E na febre infernal dos mórbidos desejos,
Ereta, no esplendor do esguio corpo branco,
Mostrei-lhe como é doce a curva do meu flanco!
Jamais a minha boca, a nardos perfumada,
Lembrou com mais ternura o frescor da alvorada!
Achais que é pouco ainda? E assim me conspurcais?!
Apostei que vencias um homem como os mais! . .
Mas nesse esforço audaz, nesse anseio infinito,
Eu não jurei vencer um bloco de granito! . .

O SONHO DO FARAÓ

Rumores surdos de alavanca

Que rumor tão estranho às portas do deserto!
Talvez seja o areal que ondula aqui por perto,
Ou o pranto, também, que docemente o Nilo
Infiltra a soluçar no meu coval tranquilo!
Neste hipogeu famoso e feito de granito,
Quis um dia dormir, como os sóis no infinito,
Calmamente, dominador, tendo sempre a meu lado
Sob o olhar de Selkit o canopo sagrado. . .
Nesta tumba sem luz, cinco mil anos há,
Que tenho um sono igual ao sono de Ptah!
Nenhum rumor! Nenhum! Imperturbável, mudo,
Aqui vivo a sonhar, indiferente a tudo!
Um deus deve dormir como eu durmo. . . Altaneiro,
De pálpebra fechada, a ver o mundo inteiro
Enclavilhar as mãos, erguidas para o ar,
A pedir, por esmola, um pouco de luar!
Mundo insensato e vil! Se a dor chumba ao Céu,
Porque, fugindo à dor, não morres como eu?
A que vem essa dor? . . A vida te importa,
Se traz desde o princípio uma esperança morta?!

pausa

Que maldito rumor! Insidioso, enervante,
Quer de certo aluir, ao sopra de um instante,
Os blocos colossais de pórfiro e alabastros,
Que fui buscar ao mar e fui buscar aos astros!
Tenta auscultar a alma incógnita do Nada,
Que sendo a eterna Noite é também Alvorada!
Esforço vão! A tumba, atormentada e fria,
Enjaula eternamente a gênese do Dia;
E não é neste chão hermético e funéreo
Que Osíris escondeu a chave do mistério! . .
Além. . . mais alto. . . além no páramo estrelado
Onde Isis concebeu sem dor e sem pecado,
É lá que vive Khepri, o sementeiro supremo,
Ante quem me prosterno, e que morto, inda temo!

nova pausa

E não cessa o rumor! Quem há. . . que há no mundo
Que possa perturbar o meu sono profundo?
Qual é a mão augusta e soberana e egrégia?
Que ousa abalar sem medo a minha estela régia?
És tu, doce Saïta? És tu, a minha irmã,
Que me vinhas beijar no frescor da manhã?
É tu, Anúbis sacro, o chacal dos caminhos,
Farejando os covais e farejando os ninhos?

ouve de mais perto os golpes da alavanca

Opróbio! Maldição! Num ódio eterno e cego,
É de um mortal a mão que me turba o sossego!
Sinto-a ansiosa e audaz! Sinto-a profanadora
A rebuscar na treva a Esfinge estonteadora!

Para trás! Para trás! Recuai! . . Eu vos conjuro!
Se é a alma que buscais no silhar deste muro,
Nada mais achareis que a múmia ressequida
Da vossa própria dor, da vossa própria vida! . .

UMA VOZ PROFANA

Mentis! Vós não dormis na tumba, inerte e só!
Dorme também convosco um monte d'oiro em pó!

FARAÓ

Se é o ouro que buscais, é vosso esse ouro todo!
Amassei-o com sangue e dispersei-o a rodo!
Pilhais até saciar! Pilhai-me as pedrarias,
O diadema, os anéis, e as pérolas sombrias
Que trágicas, fatais, e cheias de grandeza
Choraram sobre um colo esguio de princesa!
Numa urna de Gizé, tão linda mas tão velha,
Inda ouvireis zumbir as asas de uma abelha!
Levai tudo! Levai! Os papiros vetustos,
Hieróglifos de Amon, intangíveis e augustos,
Faianças de Athribis, as raras esculturas
De núbias sensuais, divinamente escuras,
O trigo, luz da terra e pão da minha ceia,
Que mil anos depois é sol que se semeia,
As silhas triunfais, os bronzes dos altares,
Flabelos a lembrar o fuste dos palmares,
Tudo quanto foi meu, e tudo quanto exprime
Um tesouro de rei e o horror do vosso crime,
Sem mágoa vo-lo rendo!
Arrombai essas portas!
E rasgai! . . maculai as minhas carnes mortas!

Tudo dou! Mas depois que houverdes profanado
Toda a minha ternura e todo o meu passado,
Sabeis que nada mais. . . não resta nada mais
Que o vaso consagrado às vísceras mortais. . .
Contém meu coração! Abandonado a um canto,
Para vós é monturo, e para mim é santo! . . .
Recuai! . . . Não m'o leveis! Deixai-o por piedade!
Nele palpita ainda a minha mocidade! . . .
É um canopo d'argila, imperfeito, incolor,
Inútil nos museus! . . . um vaso sem valor,
Que guarda junto ao meu, o coração bendito
Da mais linda mulher que amei em todo o Egito!

A HISTÓRIA DE NARCISO

Cheia d'asas e luz e rumorejos,
A história de Narciso é pequenin. . .
 Conta-se entre dois beijos,
 Ou antes: - em surdina!
Filho da eterna e resplendente Hélade
- Terra que fica próxima dos Céus -
Teve uma curta e alegre mocidade,
A mocidade irreal de um semideus!
Nos torneios olímpicos do disco,
Como um bloco pentélico radioso,
Ou na batida audaz dos javalis,
 Impetuoso e arisco,
Jamais se vira um corpo assim formoso!
Junto ao rio, as dríades febris
Gostavam pelas moitas de o espreitar
Na inconfidência opaca do luar! . . .

Tinha um defeito! . . . Aos frêmitos do amor
 Ele era indiferente!

Um lindo seio em flor,
Translúcido e candente,
Não lhe turbava o coração tranquilo!
Eco, por isso, a ninfa mais bonita
Dessa famosa região bendita,
Por não poder, chorosa, seduzi-lo,
Foi-se deixando transmutar aos poucos
Em um fraguado informe!.. .

Como um tigre real que nunca dorme,
O mar, aos repelões sinistros, roucos,
Noturno, uivava, estrábico à distância. . .
E Eco, numa clara ressonância,
Melódica e divina,
Toda toucada d'algas e neblina,
Repetia de longe, num anseio,
As vozes tempestuosas
Que em úmidas rajadas tormentosas
Vinham, magoadas, babujar-lhe o seio!
A todas preferida a voz rimada
Estrídula e silvada,
Do frígio granizo!.. .
Num sonoro sibilo compassivo,
Era ele que trazia, fugitivo,
Um pouco de perfume de Narciso!

Tirésias, o adivinho,
Um velho e bom vizinho,
Por vezes indiscreto e quase a medo,
Nos propileus de Elêusis predissera
Que Narciso viria a morrer cedo
Em plena primavera!
De nada valeria um bom conselho
Do seu turbado coração de amigo. . .
Não se evita um perigo
Que anda a espreitar no fundo d'um espelho!

E o pobre do velhinho não mentia!
Era fatal e certo que, num dia,
No alvoroço mordente dessa idade,
 E descuidosamente,
Narciso, em febre e cheio de ansiedade
Doido, veria, branco e refulgente,
A própria e doce imagem refletida
Na sonolência rutila e polida
D'um letárgico lago transparente. . .
 Era fatal e certo!
Clotho, a sinistra Parca, de atalaia,
 Com Atropos, na praia,
 Seguiam-no de perto!

E tombando em mortais delinquências,
Murchariam de dor pelos hastís,
Sentimentais, nervosas, feminis,
 As úmidas hortênsias. . .
As nuvens, como enormes mastodontes,
A chorá-lo, em convulsa cavalgada,
Mostrariam a gorja atravessada
Pela aresta ciclópica dos montes!

E ele fluidicamente morreria,
Casto e suave, como morre um astro,
 Na eterna sinfonia
 Das tardes lacrimosas,
Quando, cantando, deixa um claro rastro
De doiradas poeiras luminosas. . .

Num dia, todo em festa,
No regresso bucólico da caça,
 Foi isto por desgraça
O que se deu no lago da floresta. . .
Das claras ilhas em festões esparsas
Pela dormência do vizinho mar,

Aos bandos vinham para ali brincar
Os marabus e as garças. . .
Mas sendo, na verdade,
Uns pobres e fugazes imigrantes
Não é com plumas d'aves inconstantes
Que a gente escreve as crônicas da Hélade!
Por isso invoco o Sol,
E na rama tristonha d'um salgueiro,
Quase invisível, tímido e trigueiro,
Também um rouxinol!
O lago tinha a transparência mansa
Duma ingênua pupila de criança. . .
Por ser azul, coava a morbidez,
Insidiosa talvez,
Dos perturbantes, trágicos espelhos. . .
E na afofada grama, de joelhos,
Romântico e súbtil, como se fosse
À sombra misteriosa do arvoredado
Ouvir de perto o sopro dum segredo,
Narciso sobre o lago debruçou-se. . .

Debruçou-se. . . e temeu!
Lá no fundo das águas cristalinas,
Perdidamente sôfrego e nervoso,
Viu que boiava um céu;
E viu no céu as ondeações felinas
Do seu divino corpo perfumoso!

“Como sou lindo!” – disse.
Compreendo agora a dor
Dessas que morrem, líricas, de amor!
Quanta piedade inspiras, Eurídice!
E tu, Eco gentil! . . . sofreste tanto! . . .
Tanto!
E ainda repetes pelo espaço!
Inda bebes por mim teu próprio pranto!

Inda por mim palpita o teu regaço!"

E num hausto, cheirando a rosmaninho,

Quase... quase dormindo,

Foi repetido, muito de mansinho:

- "Como sou lindo, ó Céus! Como sou lindo!" -

Nessa atração conturbadora e louca,

Beijando a boca com a própria boca,

Debruçou-se inda mais!

Estremecendo o sol,

E mudo no salgueiro o rouxinol,

Por entre a trama dos canaviais

Viram sumir-se, aos poucos, sem ruído,

Sem espasmo, sem dor, sem um gemido,

No lago sonolento,

E lento, lento e lento,

Um corpo cor de opala;

Um lindo corpo todo astralizado,

Um corpo que se embala

Friorento e tresnoitado,

Como o luar, ali pela noitinha,

Sobre um beiral embala uma andorinha...

Fez-se depois por toda a cercania,

Cardíaco, opressivo,

Em transe de agonia,

Um álgido silêncio pungitivo!

Foi um silêncio apenas dum minuto...

Pois junto dum coval,

Onde perpassa um hálito imortal,

Ninguém antigamente punha luto!

Transmontando esse instante de saudade,

De novo, cega, a jorros,

Doirando as fontes e doirando os morros,

Rompeu, radiosa, a imensa claridade!

D'asas abertas, francas,
Os negros marabus e as garças brancas,
Dando a impressão da cor duma bandeira,
Encheram de fanfarras a clareira!

Como se erguesse aos deuses uma oblata
Num cíato de prata,
O lago em convulsões estremecera!
E lindo, airoso, trêmulo e franzino,
Numa adorada palidez de cera
Mas cheia de frescor,
Incorrupto, intangível e divino,
Surgiu das águas um narciso em flor!

ZEUS MUNIFICENTE

I

Nunca uma nuvem perturbara o amor
De Baucis e Philemon: – dois velhinhos,
Que andavam de mãos dadas nos caminhos,
Bebendo o orvalho pela mesma flor. . .

Perdido pela estrada,
No rastro d'uma corça fugidia,
Cheio de sede, Zeus, um belo dia,
Foi-lhes pedir uma hora de pousada!
Para quem ama e para quem descansa,
Não havia por toda a vizinhança
Uma honesta lareira mais tranquila,
Nem mosto mais fulgente!
Mas sendo humilde aquela pobre gente,
Foi num mesquinho e baço hidrião d'argila

Em vez d'uma áurea taça,
Que Zeus, à despedida,
Rendendo aos dois a merecida graça,
Lhes fez mais longa a doce e longa vida!

- “Eu vos saúdo! Em toda a redondeza,
Bati de balde a muita porta esquiva;
E só vós, d'alma aberta e compassiva,
Me destes um lugar à vossa mesa!

Evohé! Evohé!

Bem fartas, às mancheias,
Chovam as messes loiras de Chloe
No vosso lar e sobre as vossas ceias!

Com mármore de Paros

E entalhadores raros,

Quero que neste claro chão piedoso,
Onde se esconde a mísera choupana,
Erguido seja um Templo luminoso
À nudez impecável de Diana!

As métopas e os frisos,

Cantando em verso as rondas de Dionísio,

Devem também cantar

Num bucolismo, embora rude e tosco,
A doçura nupcial do vosso lar
E as horas mansas que passeis convosco!
Será d'oiro e de jaspe o propileu!

E eternamente viva,

Junto aos brancos altares argivais,
Arderá, como um astro pelo céu,

A lâmpada votiva

Nas vossas sacras mãos sacerdotais! -”

Philémon, o velhinho, a medo e a custo,
Todo encurvado, pálido murmura: -

“- Eu não mereço, ó Zeus sereno e justo,
Tão célica ventura!

Cantem, por nós, teus líricos assombros
As bocas perfumosas das Camenas!
E se vês que vergados trago os ombros,
 Consente-nos apenas
Que enflorados de rosas de timos,
À luz roxa das tardes agoniadas
Se fechem, rindo, as pálpebras cansadas!
 Apenas te pedimos
 Como um supremo Bem,
Que nessa hora soturna do Sol-Por
Não deixes um de nós morrer de amor,
Sem que o outro, a chorar, morra também! –”

– “Assim será! –” No espaço já vazio,
Por entre densas névoas cor de rosa,
Numa rajada quente e sonora,
 Foi isto o que se ouviu!

Passado um ano, andavam os velhinhos
Outra vez a noivar pelos caminhos,
Quando em desmaio. . . e quase de repente,
Braços abrindo aos rouxinóis em bando,
 Ao pé d’uma clareira
 E à luz d’um sol-poente,
Ela se foi em tília transformando,
E ele na rama d’uma carvalheira! . . .

Tranquilos e felizes,
E castamente unidos,
Eles dormem, mansos e floridos,
Palpando à noite às sôfregas raízes. . .

II

Embora, Amor, eu viva a sonhar tanto,
Parece-me também que de longada

Me veio um dia Zeus pedir pousada! . .
Quando! Não sei! . . Só sei que tinha um manto
 Polvilhado de estrelas,
 De rosas e boninas,
Mas tão leves, sutis e pequeninas,
Que a gente em ânsias não consegue vê-las!
 E Zeus, bondoso e amigo,
 Sabendo que ao Sol-Por,
 Sonâmbulo de amor
Eu quisera, a cantar, morrer contigo,
 Jurou-me – faz ideia!
Que em vindo o triste e tormentoso dia,
A mim, num lago azul me mudaria,
 E a ti numa ninfeia!

Seremos mais felizes que os velinhos;
Pois se eles têm a música dos ninhos,
Nós vamos ter um tálamo ao luar,
 Aonde eternamente,
 Com garças pelo espaço,
Muito juntinhos, calmos, sempre a par,
Eu te verei translúcida e dormente,
Branca, boiando sobre o meu regaço!

AS MINHAS SONATAS O ESTOJO MISTERIOSO

No Brocken, na valpurgica montanha
Das encantadas bruxas da Alemanha,
Andei, um dia, atormentado e grave
 Nos tempos de estudante.

Pelas cavernas, a buscar a chave
Dos mistérios da Vida alucinante. . .

Audaz, profanador, de furna em furna,
Tive um trabalho enorme
A farejar na escavação soturna
A poeira astral duma emoção que dorme!
Hiante e nebulosa,
Achei um crânio de mulher! . . Tomei-o!
E perguntei às órbitas desertas,
Tragicamente abertas,
Porque tremiam de pavor e anseio?!

E a boca respondeu: –
“Neste abandono
Quero viver, sonhando eternamente! . . .
Não me perturbes, álgido e descrente,
A vida estonteadora do meu sono!
Morri há muitos anos,
Como morre, cantando, uma alvorada!
Morri feliz e fresca e opalizada
Por entre as rosas dos balcões renanos. . .
Bailei de sol a sol!
E dando rédea solta à fantasia,
Fui nas noites de sonho o rouxinol
E fui pelas manhãs a cotovia!
Ai, loura entre as mais louras,
Beijada à luz das líricas ardências,
Bebi em taças d’ouro as sonolências
De todas as paixões perturbadoras!
Depois de assim perdê-la,
A vida que me importa,
Se nesta cova com dossel de estrelas
Durmo tranquila, pequenina e morta?!
Se inda me resta um pouco de saudade,
Hoje que estou de todos esquecida,

Tu não me podes dar a mocidade
Nem eu quero voltar de novo à vida!
 Não me faças lembrar
Que na velha Turíngia, num cortejo
Rumoroso, ducal, em plena rua,
 Sob um mansueto olhar,
 O meu primeiro beijo
Foi dado numa boca com a tua!
E a vida, agora, que valor teria?
Adormecida nos teus braços francos,
 Eu nunca passaria
Duma velhinha de cabelos brancos!”

II

Como quem doce embala uma criança,
Ou galante e gentil como quem ama,
Lento a depus uma outra vez na cama
Onde ainda hoje, pálida, descansa. . .
E aconteceu que nessa noite, quando
 Estático e de rojo
A fui de manso, trêmulo, deitando,
Vi que no fundo do coval sagrado
 Um pequenino estojo
Inda luzia gasto e enferrujado! . . .
Quem foi? Quem foi que ali rezando o pôs?
 Não sei! Não sei! Abri-o!
E logo se evolou no espaço frio
Um perfume sutil de pó de arroz!

NA PRAIA

Fresca, radiosa, límpida e sonora,
A despertar as asas e os perfumes,
Prateando as águas e doirando os cumes,
Lá vem rompendo, a pouco e pouco, a aurora. . .

Vão-se as estrelas! E, na praia agora,
Ativa e branca, eu quero que te aprumes,
Num desafio doido aos meus ciúmes,
Intangível, ducal, perturbadora!

Apruma-te e caminha! E astralizada
Nessa imersão das ondas rumorosas,
Em plena e clara luz da madrugada,

Espalha aos borbotões, dispersa a roda,
Nua e desfeita em hálitos de rosas,
O teu perfume pelo espaço todo! . .

RESPOSTA À TUA CARTA

Longe das tuas úmidas carícias
Um dia só, um dia sem notícias,
Dá-me a impressão dolente
D'um ponteiro que marca lentamente
As tormentosas horas do infinito!
Escreveste-me apenas duas linhas!
Mas sempre caprichosa,
Não sei que eflúvio mágico e esquisito,
Cheia de amor e com saudades minhas,
Puseste nessa carta lacrimosa! . .

Conheço todos os perfumes raros! . .
Sou eu que os compro, horrivelmente caros,
 Para opiar-te o sono,
E para dar impregnações nevrálgicas
 Candentes e nostálgicas
À seda carmesim do teu quimono. . .
 Saturo-te de essências,
 As mesmas que em Veneza
Mordiam a nudez d'uma dogesa
Nas piscinas de claras refulgências!
Numa nevrose helênica de aromas,
Andam meus quentes, líricos anseios
 Em torno dos teus seios,
Como um bando inquieto de palomas. . .
Tudo o que ganho em frêmitos tenazes,
Prodigamente queimo nas caçoilas
Onde esbraseiam nardos e lilases
 Ao lado de papoilas!
 E chega a ser escândalo,
 Que, cego, eu não defina
Se a tua linda carta pequenina
Rescende a cravos ou rescende a sândalo!
 Releio-a, e torno a lê-la!
E penso numa orquídea misteriosa
Ou na volátil radiação nervosa
Do bafo nebuloso duma estrela. . .
 Mas seja como for,
 Estrela ou mesmo flor,
Quero que as tuas cartas, bem fechadas,
Me tragam sempre, cheias de ciúme,
 Esse estranho perfume
 Das frescas orvalhadas!

POST-SCRIPTUM

Perdoa! Decifrei! . . . Sei tudo agora!
 Porque é que não disseste
 Que esse perfume agreste
É feito dos langores duma aurora?! . . .
Se me conheces rudemente franco,
Porque é que não disseste que os teus beijos
Umedeceram, rubros de desejos,
 As páginas em branco?!
Quase enraivado e trêmulo de medo
 Jurei num sacro instante
 Violar o teu segredo,
Quando, afinal, na minha febre louca
Não via que o perfume alucinante
Era o perfume ideal da tua boca!

NERVOS

Nesta soturna vida caprichosa
Nunca vem só, meu Deus, uma desgraça!
 Vejo que estás nervosa,
E tudo nesta alcova te tortura,
Porque lento e brutal o tempo passa
 Sem vir a manicura! . . .
Vamos! Sê calma! E abre-me esse estojo
A lírios perfumados. . . Como vês,
Aqui me tens hipnótico, a teus pés! . . .
Para servir-te, aqui me tens de rojo!
Vou alongar-te as lindas sombrancelhas. . .
E peço-te: – Não cores. . . e não rias!
Não gosto dessas mansas ironias

Que pungem, a zumbir, como as abelhas!
Já coraste demais, quando em meus braços
Te disse um dia, trêmulo e amoroso,
Que eras um sopro claro e luminoso
Da mais radiosa estrela dos espaços!
Vai alto o sol!.. mas basta um traço apenas,
De violetas e anêmonas pisadas
 No graal das madrugadas,
Para arroxear o cílio das morenas...
Quando te atiras da janela aberta
Ao mar azul da claridade infinda,
Fico inquieto a pensar se é noite ainda
Na tua doce pálpebra desperta!
Não sei porque dorida te acabrunhas!
 Pois até mesmo as unhas,
 Finas como punhais,
Me dão essa impressão deliquescente
De enfiar nos dedos cruelmente
De pequeninas rosas matinais!
Sou eu que vou com rimas esmaltá-las...
 E tu verás depois,
Na apoteose nevrálgica das salas,
Qual foi o mais artista de nós dois!
Se nenhum dos meus frêmitos te encubro,
 Confesso, ó meu Amor,
Que invejo esse teu lápis escarninho
Quando num beijo escandaloso e rubro
 Te rasga a boca em flor,
Como uma taça a espumegar de vinho!
Repito: - nem tu sabes como o invejo!
É ele num cinismo petulante
Que te contorna o lábio soluçante,
 Muito antes do meu beijo!..
Nervos talvez!.. Odeio-lhe a ventura!
 E ao ver que o tempo passa,

Nem me lembro sequer da manicura!
Nunca vem só, meu Deus, uma desgraça!

AVE FERIDA

Ontem cedo, a sonhar no meu terraço
Quando a manhã desperta rumorosa,
Numa intangível nuvem cor de rosa
Rolou, tombando, uma ave pelo espaço...

Tombou rolando, morta de cansaço!...
Ardia toda em febre... E lacrimosa
Fui escondê-la, tímida e nervosa,
Na morna quietação do teu regaço...

Só tu lhe podes insuflar a vida!
Disse comigo... e disse-o perturbado,
Ao ver-te branca e doce e combalida!...

E tu fremente, ansiosa e quase louca,
Como que dá um seio imaculado,
Deste-lhe a ida pela própria boca!...

EMBRIAGUEZ COR DE ROSA

Rompe a alvorada! Esguios, os cristais
Começam a dormir... Orquídeas quentes,
Carnudas, indecentes,
Abraçadas a rosas anormais
Numa rubra visão esmagadora,

Dão umas vastas notas de alegria
À tresnoitada e atroz monotonia
Dessa elegante ceia pecadora. . .
 Casacas sonolentas,
Tragicamente pretas e impecáveis,
Afogam nas lapelas truculentas
As líricas violetas insondáveis! . . .
Em fila austera, frígida e correta,
 As silhas altaneiras,
Como negras estelas agoireiras,
Fazem triunfar a dura linha reta!
Linha de ataque! Linha de inimigo!
Linha deicida, levantando a cruz!
Linha que mede os corpos no jazigo!
 Linha hostil à Luz!
 Julgo-a apenas sincera
 Mas sempre rude e agreste,
Quando em pleno langor da primavera,
 Irônica recorta
A notívaga sombra dum cipreste
 Numa cidade morta. . .

Tudo seria rígido e agressivo,
 Se não fora o contorno
 Alucinante e morno
Dos seios brancos no decote esquivo!
 Inquieto e palpitante
Na vasta sala, opiadamente turva,
Só o seio demarca nesse instante
O triunfo sensual da linha curva!
A linha curva! . . . Vede-a como canta,
Alto no céu, à luz dos lampadários!
 E vede como é santa
Na missa perfumosa dos nectários!
 Tudo quanto é carinho
Como o chilreio matinal dum ninho;

Tudo que é beijo e amor,
Como uma asa pousada numa flor;
Tudo quanto a estuar recorda a onda,
Lágrima, bolbo ou astro na amplidão,
Tem a forma concêntrica e redonda
Dum vaso sacro de germinação!

Em meio das orquídeas imorais,
Sinistras e letais,
Essa visão da linha ondula e passa,
Enquanto o sangue anêmico do Reno,
Translúcido e sereno,
Fulge no fundo azul da minha taça!

BERÇO DE ESPUMAS

Todo afogado em oiro, o som candente;
De lágrimas surgindo o mar profundo,
Porque é que Deus na formação do mundo
Fez a mulher nascer prosaicamente?!

Parece uma ironia
Que a célica e divina fantasia,
Idílica e bendita,
Fosse arrancar ao magro lodo vil
Esse adorado e mágico perfil
D'uma Frinéia ou d'uma Sulamita!
Deve de ser um conto audacioso
Embora nele cressem os profetas;
Pois o bom Deus foi sempre o mais formoso
De todos os Poetas! . . .
A talmúdica Bíblica, como penso,
Tão cheia de perfumes e de incenso

Podia, na verdade,
Como na antiga Hélade,
Fazer brotar das águas remansosas
N'um berço de madrêporas e rosas
A forma estonteadora e enfebrecida,
Da primeira mulher que amou a vida!
Sonora assim, percebe toda a gente
Como a rapsódia helênica e fulgente
Nos desse, num anseio,
A linha genesíaca e redonda,
Que faz ondear um seio,
Que faz estuar uma onda!

Como Darwin ousadamente ensina,
Também não creio que a mulher divina,
De claro corpo nu,
Possa florir e heráldica descenda
Duma sinistra e impura sombra horrenda
Que andou vagando pela selva hindu. . .

Vendo-lhe a doce e casta morbidez,
Não se se deva ao certo crer no sábio
Ou no santo alfarrábio
Do verbo de Moisés!

E ponho-me a cismar! . .

Nessa escalada do mistério mudo,
Varando os céus em busca de luar,
Às sombras peço que me digam tudo!
Canso por fim. . . Mas sinto que a emoção,
A pouco e pouco, nítida, me obriga
A crer como um pagão
Nos aedos gentis da Grécia antiga!

Mais que a nívea duma ninfeia
E mais que as asas trêmulas duma ave,

É a mulher um frêmito suave
Do mar que morre a estrebuchar na areia. . .
Branca, intangível, púbere e molhada,
Ela nasceu da espuma do Levante,
 Radiosa e deslumbrante,
À luz mordente duma madrugada. . .

Floco de espuma, eólico, impalpável,
Sopro d'aurora, névoa imponderável,
Ai, quantas vezes, rumorosa e linda,
Ela se esvai da pobre mão que a aperta,
E que depois. . . imensamente aberta,
Julga, sonhando, que a segura ainda!

ESFINGE

Fala-te a minha fantasia louca! . . .
Isto já dura há quase um ano. . . Em vão
Tenho tentado, sem pedir-te a boca,
Beijar-te ao menos a divina mão. . .
Não foi por falta natural de ensejo! . . .
 Na mão, um pobre beijo,
Nem mesmo o orgulho azul duma duquesa
Sabe negá-lo à boca em febre acesa! . . .

Uma virtude exagerada assim,
 É quase que uma ofensa;
 Não digo já por mim,
Mas pela rubra claridade imensa
Destes tempos de asfalto pelas ruas,
De paroxismos e centauros d' aço,
De ciclópicas asas pelo espaço,
De arranha-céus, de tango e pernas nuas!

Não tem lembranças que vais murchando, como
Um sumarento, doce e róseo pomo,
Que no baloiço d'um galho,
Oscila, treme, tomba e rola aflito
Por lhe faltar, no seio, esse bendito
Beijo fecundo do querido orvalho. . .

Enfim, Amor, tu sabes o que fazes!
Envelhece, se queres, à vontade,
Que cá me fica a intérmina saudade! . . .
Mas na queda soturna dos lilases,
Quando chegar o outono sonolento,
Tu, que sempre serás airosa e linda,
Dá-me notícias do fatal momento,
Pois é possível que eu te queira ainda! . . .

O VERBO AMAR

Amar é Verbo e Luz! . . . Dois mundos num só traço: –
Infinito no tempo e infinito no espaço!
Tem asas nas vogais, bem claras e despertas,
A voar. . . a voar. . . eternamente abertas!
Num momento de Sonho o meu irmão Rostand
Com rimas d'ouro ungiendo a cítara pagã
E vendo mais rosais do que estrelas talvez,
Pôs um beijo no *i* do seu verbo francês. . .
Um ponto cor de rosa, heráldico e súbtil
Como em manhãs de amor esvoaça o nosso til. . .
O que vale de certo a esse verbo infeliz,
É a estirpe ducal da sua flor de liz!
Não canta! . . . Murmureja! . . . E um verbo quase mudo
Pode embalar, rezar, sofrer. . . mas não diz tudo!
Que distância entre os dois! Que diferença enorme

Entre um verbo que canta e outro verbo que dorme!
Não posso perceber um beijo de noivado
Em busca do beiral dum céu que está fechado!
Nessa noite febril, junto ao balcão florido,
O verbo de Rostand vibra como um gemido...
E gemer, afinal, é o mesmo que uma reza,
A pedir uma esmola a alguém que nos despreza!
Bendito seja o verbo... o nosso verbo amar
Que em Portugal é sol e no Brasil é luar!
Quando se quer beijar a boca das morenas
Amar não se conjuga abrindo o lábio apenas...
Tem que ser a expressão dos úmidos cansaços
Duma vaga a dormir com o mar nos seus braços!
É um verbo estelar com clarões de arrebol,
Que não cabe na boca onde não entra o sol!
Absorve num só hausto a luz dos meus sertões
Ou a auréola lilás dos outonos beirões!
De pé sobre as vogais candentes, rumorosas,
Aprendem a bailar os sabiás e as rosas!
Por isso o verbo amar, a falar com franqueza,
Só tem perfume e luz na língua portuguesa...
É um verbo que a vibrar recorda logo um ninho,
Com cheiro a bogaris e cheiro a rosmaninho!
Numa emoção suprema essas duas vogais
Soam, mesmo a dormir, como clarins triunfais!
Perfumam como um nardo e aquecem como os astros;
E quando, a suplicar, se põem a andar de rastros,
Dão um tal rumorejo ao verbo nobre e claro,
Dão-lhe tanta ternura e um frêmito tão raro,
Que se tem a impressão bucólica e sonora
Dum hinário a cantar na boca duma aurora!

SOFREGUIDÃO

Mas não te vás ainda!
Espera apenas um furtivo instante!
Espera que te diga, ó minha amante,
Que és boa e santa, compassiva e linda!
Na síncope fatal destes meus zelos
Ando a contar as horas de agonia
 Que levas, dia a dia,
A ondular futilmente os teus cabelos!
 Com essa eternidade
Que me conturba e trágica me irrita,
Não é por me matares de saudade
 Que ficas mais bonita!
Quantas horas de amor desperdiçadas! . . .
Por faltar um espelho às nebulosas,
Que felizes que são todas as rosas,
No banho matinal das orvalhadas!
Se elas fizessem tudo o que tu fazes,
Levando a noite a ondear a coma d'oiro,
Não verias de certo um trigal loiro
Nem o espasmo ridente dos lilases! . . .
 Ai, que desgraça, Amor,
Se houvesse espelhos para os arrebóis!
Que seria, meu Deus, dos rouxinóis,
E das frescas anêmonas em flor?!
De resto, tu bem sabes quanto dura
Nos teus cabelos o doirado laço!
Chegas! . . . Um beijo! . . . E logo, com loucura
Febrilmente o desato n'um abraço! . . .

A ILHA ENCANTADA

Quero levar-te à terra da Utopia! . .
Cheia de luz e ondulações serenas,
Perdida no alto mar, emerge apenas
Quando a procura, em febre, a fantasia. . .

Sei-lhe o caminho! . . Sei que na ardentia
Da praia imensa as pálidas sirenas,
Todas formosa, castas e morenas,
Bailam, cantando, na eclosão do dia!

Para onde vamos?! Já te disse, Amor,
Que vamos para uma ilha flamejante
Onde há desmaios de rosais em flor. . .

Vamos beber a clara luz sonora
Pela taça dum lírio transbordante
No rústico beiral da mesma aurora!

PASTORAL AO PIANO

Para evocar na pastoral radiosa
O sonho mais azul do teu passado,
Deixas correr, benditas, no teclado,
As tuas mãos de mística amorosa. . .

Na meia-luz da sala cor de rosa
Tudo é perfume. E eu mesmo, alucinado,
Aspiro o feno tônico e sagrado
Dessa tranquila página saudosa.

Tudo é perfume. . . E bíblicas, noivando,
Alígeras, inquietas, sem repouso,
Como se andassem lírios esfolheando,

As tuas lindas mãos sutis e francas
Lembram no voo trêmulo e nervoso
Um par febril de borboletas brancas!

TEMPORAL DESFEITO

Que tarde hoje vieste!
Vê como bate a chuva na vidraça!
E vê quanta desgraça
Vai pelo mar por este tempo agreste!
Mas ouve: – A ti, que importa o alto-mar,
Se além das joias caras
E além das peles raras,
Tens os fofos coxins do teu “Packard”?!

Nada quero saber! . . Nada me digas!
São sempre as mesmas úmidas cantigas!
Vens sempre da modista!
E depois deslumbrante e alvoroçada,
Com esse lindo e branco seio à vista,
Foste ao chá elegante da Embaixada!
Tokay?! . . Bem sei. . . dez lágrimas trementes! . .
Um vinho, enfim, com raios de Sol-Posto
Que te enoitece as pálpebras dolentes! . .
Não me mintas. . . que o leio no teu rosto!

E que perfume escondes no teu lenço?!
Não é o meu perfume! . .
Valha-me ao menos o prazer intenso

De nunca ter ciúme! . . .
Senta-te aqui! Assim!
Muito e muito juntinha, ao pé de mim! . . .
Até na boca, que é só minha, trazes
Esse aroma esquisito
Que me lembra um pedaço do infinito
Plantado de lilases. . .
Que tarde tu vieste! . . . E não tens medo
D'um galanteio estúpido na rua?!
Quando se é linda. . . e é moda andar-se nua,
Fica-se em casa ou volta-se mais cedo!

Que bom não ter ciúme! . . . Ai, que delícia!
Parece tudo um claro céu azul,
Desde o tufão que pincha lá do Sul,
Até o sopro glacial d'uma carícia!
Vamos! . . . Descalça a luva!
Não te deixo sair com esta chuva!
Como é grotesco a gente andar no mar!
Abraça-me. . . e depois,
Assim coleando. . . e sós. . . entre nós dois: -
Manda embora o "Packard"!

AMOR SILENCIOSO

Há quem procure, em ânsia indefinida,
Umbras doiradas expressões verbais
Duma emoção elástica e vibrante,
Sonoras, musicais,
Para dizer que nunca amou na vida,
Como ama neste instante!
- "Amo-te! . . . Sofro! . . . Quero-te! . . . Sou teu! . . . -
Tudo isto em febre, cada vez mais alta,

Num voo desvairado para o Céu,
Canta, atordoada, rumoreja e salta
Numa explosão tão rubra de desejos,
 Que todo o firmamento
Parece nesse rútilo momento
Uma fogueira d'astros e de beijos!
Por mais que seja roseamente estranho,
O meu amor idílico é tamanho,
 Que eu prefiro a mudez!
 É uma forma talvez,
Mais bíblica, mais pura e perfumada
De exprimir, como os Santos-Evangelhos,
 A mística toada
 Duma alma de joelhos. . .
Não se traduzem pelo verbo informe
Os mistérios inquietos das penumbras;
E tu bem ouves o silêncio enorme
Quando divina e casta me deslumbras!
Vê lá o sol! Não diz uma palavra!
Mas quando na quadriga luminosa
Ele, sozinho, os férteis campos lavra
Nessa faina fecunda as charruas,
 Logo, cantando, a rosa
 E mais a cotovia
Nunca se esquecem de rezar, as duas,
 A sua Ave-Maria!
 Tudo que é santo e puro
Na sinfonia das manhãs de orvalho,
 Deve falar mansinho,
Como no braço almofadado e escuro
 Dum robusto carvalho
A claridade trêmula dum ninho!
 Na vida as grandes dores
E as vertigens dos líricos amores,
 Preferem, sempre a par,

A surdina dormente do luar
Num esquecido e manso estradivário...
 Por isso, a falar franco,
O meu sagrado e doce dicionário
Tem, para amar-te, as páginas em branco!

O VOO NUPCIAL

O sol, alto no céu,
Como um brilhante e austero Cardeal,
Purpurado de féculas vermelhas,
Vai celebrar o trágico himeneu,
 Frenético e brutal,
Da inviolada Rainha das Abelhas...

Nessa manhã de vibrações serenas,
Despertos para o amor duma hora apenas,
No cortiço, de pé, madrugadores,
Batem, viris, o élitro doirado
Os doidos e famosos campeadores
 Do alígero noivado!
 Na pequenina cela,
Que parece, translúcida, forrada
 Duma seda amarela,
A mais velha de todas as obreiras,
Em torno da Rainha conturbada,
Faz a aspersão das preces derradeiras...

Chega por fim o hipnótico momento
Marcado pelo Sol no firmamento!
Alas abrindo, quase de joelhos,
Como mandam os pulcros evangelhos,
Toda a colmeia estática e fremente,

Na dispersão de essências voluptuosas,
Vê que a Rainha passa resplendente
Num manto claro d'asas luminosas!
 Sonâmbula, divina
 E dorida, talvez,
 Por murcharem de vez
Os seus formosos sonhos de menina,
Estaca, a vacilar, de olhar mortiço,
No propileu doirado do cortiço. . .
Em derredor, ansiosa, esplende a vida!
Tudo rescende, a cravos e violetas,
E aos pares, pela moita adormecida,
Noivam, tremendo, as brancas borboletas. . .
 Tudo é desejo e espasmo!
 Tudo é beijo e torpor!
E os besoiros flexíveis, em orgasmo,
 Pousam de flor em flor! . . .
 E vendo tudo aquilo
A germinar bucólico e tranquilo,
 De súbito, numa ânsia,
D'asas abertas, casta e convulsiva
Sem medir as vertigens da distância,
Ei-la que parte, eólica, impulsiva,
Deixando atrás o colmeal de rastros,
 Imensamente linda
 E virginal ainda,
 Como rumo para os astros!

Acabava de erguer naquele instante
 Nervosa e triunfal,
Numa explosão de luz alucinante,
 O voo nupcial!

 Em chusma, audaciosos,
Querendo cada qual chegar primeiro,
Vão-lhe no encaço, em ímpeto guerreiro,

Os zangões amorosos! . .
Nessa abalada sôfrega do espaço,
Os pequeninos corações febris
Fazem pulsar em comoções hostis
Os corseletes d'aço!
Mas é tão longa a estrada,
E a noiva vai tão rente já dos sóis,
Que um a um fraquejando, em debandada,
Ficam na liça apenas dois heróis!
Cheios do pó doirado do infinito,
Travam a luta cada vez mais viva,
A luta decisiva
Pelo sagrado tálamo bendito!
E ela esquiva, fluídica, intangível,
Muito ao longe, a voar, quase invisível
Vai despertando, lírica e sublime,
O férvido desejo
Que traiçoeiro começa por um beijo,
E que num beijo acaba por um crime!

Por fim, em plena glória,
Na aleluia do fulvo céu em brasa,
Ouve-se um hino sacro de vitória,
Ouve-se uma asa, mórbida de amor,
Beijando uma outra asa! . .
Era a posse nupcial do triunfador!
O Sol, alto no céu,
Augusto, episcopal,
Purpurado de féculas vermelhas,
Grave, abençoa o trágico himeneu,
Frenético e brutal
Da violada Rainha das Abelhas! . .

Fez-se um silêncio enorme,
Angustioso, sinistro e desconforme. . .

E em plena e perfumosa claridade,
Dorido, agonizante,
E ainda palpitante
De amor e de saudade,
Viu-se cair do leito do noivado,
Deserto e triste agora,
Um pequenino corpo apunhalado,
Morto, rolando pelo espaço em fora! . .

PÁTRIA DISTANTE TERRA À VISTA

No voo clangoroso, abrindo as asas francas,
Exaltadas, febris, imensamente brancas,
Quanta vez a saudade, esse albatroz errante,
Se faz comigo ao mar com rumo ao sul distante!
E nunca se transvia! É para achar os ninhos,
Que Deus manda espalhar os sóis pelo infinito,
Há uma cruz! . . Mas esta em vez de ser granito
Como as cruces ducais nos velhos mausoléus,
É um braço de luz, apontando nos céus
A estrada que vai ter, de quebrada em quebrada,
Ao berço onde floreja a minha Pátria amada! . .

Mas quando não houvesse um astro na amplidão,
E quando tudo fosse angústia e dispersão,
Bastaria, de longe, ó rútilo Amazonas,
Auscultar-se os pulmões quando a bramir rressonas!
Frente a frente, insubmisso, e desafiando o mar
Que raivoso jurou não te deixar passar,
Espumejas tão alto e investes com tal ânsia,
Que longe, sempre a uivar, muito longe, à distância,

Julgo, assombrado, ouvir não tuas pulsações
Os berros colossais dum bando de leões!
Contigo em convulsões, contigo por meu guia,
Num largo voo astral, facilmente acharia,
Cintada pela espuma, essa ilharga sagrada
Dos fulvos areais da minha Pátria amada!

O PRIMEIRO BEIJO

I

Esplende uma manhã de claras vibrações!
Toda a selva estreme. E pandos, os galeões,
Vem pousar, um a um, como aves tresnoitadas,
Na funda quietação das mornas enseadas! . . .
Pisando o chão sagrado, o impávido invasor
Vê que tudo esbraseia, em síncope de amor! . . .
E sob um céu pagão, atordoado de luz,
Genuflectindo, a orar, faz o sinal da cruz. . .
A prece apenas dura o sopro dum instante! . . .
Olha em redor, inquieto. . . E um cheiro perturbante,
Um cheiro de baunilha, esperta-lhe um desejo
Que começa num sonho e acaba por um beijo!
Esbeltas pela praia ondulam convulsivas
As formas nupciais das aimorés lascivas. . .
Quer segui-las. . . E o bando, arisco, quase implume,
Trasmonta o matagal num rastro de perfume. . .
Quer inda ousar. . . e hesita! Estrídulo, fremente,
Da selva densa, como um silvo de serpente,
Vem-lhe cair aos pés um dardo envenenado. . .
Não se perturba! Arranca o morrião amolgado,
E apolíneo, tranquilo, intrépido e viril
Transfunde-se na luz daquele sol de Abril. . .

Vê depois espreitar por entre as perobeiras
O mesmo bando em flor das caboclas trigueiras...
Atira-lhes um beijo... Um beijo que desata
Fulgurações mortais no coração da mata!
Tudo entumece como um útero fecundo!
Tudo estua e flameja! E no bambual profundo
Pela primeira vez, despertos pelos ninhos,
Que mansos jaçanãs vão servir de padrinhos
Aos mais lindos, gentis e doces esponsais
Que Rudá jamais viu nas moitas tropicais!

II

Deixai dormir no chão da nossa terra
Por entre os bogaris,
O tacape de guerra
Dos nossos sacrossantos guaranis!
Deixar dormir a velha raiva injusta
Contra a radiosa estirpe, eterne e augusta
Dos príncipes de Avis!
Foi Deus que assim o quis!...
Um seio de tapuia
Não se conquista a golpes de montante!
Além dum beijo, pede uma aleluia
Que a envolva toda da cabeça aos pés!...
E foi assim que doce e provocante
Um beijo português
Na febre irresistível dos sertões,
Sonoramente, manso e triunfal,
Desplumara uma entranha virginal
Na gestação dum povo de leões!
Não nego! Era estrangeiro
O beijo estonteador
Que fecundou à sombra do ingazeiro
A nossa raça eternamente em flor!

Mas um beijo de amor,
Quando temos na frente um corpo nu,
Não é... não é pecado!
Que o diga num espasmo de noivado
A morena e gentil Paraguaçu.

III

A nossa estirpe é essa! Ovários guaranis
Fecundados ao sol por capitães d'Avis!
E desse beijo audaz no fundo dos sertões
Um leão há de ser sempre o pai d'outros leões!
Há muitos povos que tiveram donos!
Mas no estertor dos látégos cruéis
Se todos foram filhos de colonos,
Nós fomos, afinal, filhos de reis!

AS DUAS BANDEIRAS

Insubmissas, febris, num halo de esplendor,
Irmãs no voo, irmãs na glória, irmãs na cor,
Flabelam no Brasil, asas condoreiras,
Entre heróis e clarins, duas sacras Bandeiras!
Vistas de longe, em pleno azul, mordendo o espaço,
Não se distingue bem se levam no regaço
Os braços dum cruz apertando uma esfera,
Ou um cinto apertando o seio à primavera!
A esfera é armilar com cercadura d'astros,
Tendo o mundo a seus pés e o infinito de rastros!
Há flores nos beirais; e ao lato, entre rubis,
Fundindo o sangue azul no sangue dos tupis,
Refulge uma coroa. Em Maio, as alvoradas

Inda apanham no chão as lágrimas choradas! . .
Foi ela, por tojais, no assalto das tocaias,
Que andou domesticando as onças paraguaias! . . .
Na abalada imperial com pulso de gigante
Foi ela, a espumejar, heroica e palpitante
Que arrancou aos covis, em manhãs luminosas,
Essa pantera – o Oribe; e esse chacal, – o Rosas!
Se uma suspende a esfera, a outra, em campo azul,
Suspende a luz dos sóis dispersos pelo Sul!
E se a vemos gentil arrebanhando estrelas,
Se a vemos marinhar aos céus para mantê-las,
Não se espanta que altiva, irrompa nos sertões
Arrebatando o Acre, o Amapá e as Missões!
Se a quereis procurar, buscai-a pelos ninhos
Ou junto duma dor à beira dos caminhos!
Mas ai, de quem ousar morder-lhe o nobre flanco!
Se foi linda e sublime às mãos dum Rio Branco,
Não esquece jamais que sobre a nossa História
Pairam águias nimbadas pela Glória!

Tem uma no brasão os velhos sonhos meus;
Tem a outra uma espada esburacando os céus!
Mas seja uma coroa ou mesmo espadas nuas,
Darei, de pé, cantando, a vida pelas duas!

O GAÚCHO

Laço no tento, franco, de olhar vivo,
Como um famoso cavaleiro andante,
Lá vai o guasca intrépido e galante,
Fundido em bronze, sobre o pingo esquivo!

Por esse pampa idílico e nativo,
Onde o silêncio é morno e perturbante,

Corre e sonha e lateja a todo o instante
A alma heroica do gaúcho altivo. . .

De poncho ao vento e de rebenque alçado,
Enraivado de luz, transmonta o espaço!
E nesse voo audaz, desabalado,

Parece, numa fúria de vencê-las,
Que vai, nervoso, derrubar no laço
As manadas inquietas das estrelas! . . .

Capítulo 3

FERAS À SOLTA

Foi já nos últimos tempos de sua existência que Mário de Artagão trouxe a público *Feras à solta*, livro no qual expressaria facetas mais contundentes de seu pensamento, com várias incursões a preceitos anticlericais e a uma aguçada preocupação de natureza social. Tal obra foi editada em Lisboa, no ano de 1936, pela Gráfica Portuguesa, e apresentava, em essência, as conversas entre dois homens. No primeiro capítulo, denominado “Na Tasca”, era descrita uma noite de Natal, em um bairro excêntrico de uma grande cidade europeia, com um inverno fustigante, na qual se encontraram Patrício e Marcos, recolhendo-se a uma tasca de travejamento desconjuntado. Ambos desenvolviam diálogos que o escritor expressava na forma de versos. O primeiro era um religioso que mitigava suas agruras através da fé, o segundo, um incrédulo e cético para com os assuntos divinos e um revoltado com as desigualdades sociais. Na conversa, Marcos lastimava sua sorte e situação de penúria, afirmando ao conhecido que não deveria pensar que ele sempre fora o esgarço de um esgoto, pois chegara a ter no brasão quartéis de bom costado e um bispo por avô, em estirpe sem igual, mais nobre que a dos reis na conquista do Graal. Mas aca-

bara chegando àquela situação de um farrapo que chafurdava na lama, sem pão para comer e sem cama¹.

Em seguida, Marcos fazia uma longa explanação sobre os caminhos e descaminhos de sua vida e suas formas de pensar e agir. Declarava que, apesar do sangue azul nas veias, lhe mordiam por dentro as desgraças alheias, como um sentimental idiota, ou um Quixote moderno, com pena dos pulmões que tossiam pelo inverno. Afirmava ainda que lera toda a Enciclopédia e Voltaire, o maldito, vindo um dia a despertar de bruços no infinito e, a cavalo no sonho, andar de astro em astro, a medir, a sondar, a farejar o rastro de um princípio sem fim. Dizia ainda que auscultara sem cansaço as válvulas senis do coração do espaço, e tudo cheirava a um açougue enorme, no qual, tragicamente, a morte nunca dormia e onde nada vira ou palpara que lhe desse um sentido forte, sacro, imortal, de um mundo concebido, só havendo em tudo uma luta vil e sem heróis. Comparava a existência a um casebre que haveria de cair, escanzelado e impuro, como caía na esterqueira um fruto de maduro, não passando disso a vida e a “harmonia celeste”, arrematava com ironia².

Tendo em vista tal descrição, Patrício argumentava que o tempo fora agreste e torvo para eles, mas, embora também faminto, ele não sentia aquela mesma angústia de viver. Diante de tal asserção, Marcos salientava seu espírito de revolta, exclamando que o conformismo do outro se devia ao fato de que ele acreditava no Estado e ainda ia à missa, pedindo àquele pão, enquanto a Deus pedia justiça, dormindo a rezar ao pé da fogueira, que ainda haveria de lambar, convulsa, a Terra inteira. E prosseguia em suas críticas às crenças de Marcos, destacando que este abençoava a cruz que lhe enclavinhava os pés e que precisaria ser parvo para ainda crer que Moisés tomara indigestões de maná no deserto, ou nos judeus atravessando o Mar Vermelho aberto e, irônico, afirmava que, estando às portas do Natal, quem sabe aquele desgraçado não teria a ventura de o céu mandar-lhe um faisão

¹ ARTAGÃO, Mário de. *Feras à solta*. Lisboa: Gráfica Portuguesa, 1936. p. 5-6.

² ARTAGÃO, 1936. p. 7.

recheado. Diante de tantas imprecações, Patrício perguntava se os céus ou Deus teriam feito algum mal ao seu interlocutor, o qual respondia que não se queixava, mas negava o bíblico mistério, que fora buscar o barro ao pó de um cemitério, não aceitando um ser que criava para depois matar, ao invés de manter uma Terra bailarina eternamente em flor³.

Provocando Marcos a respeito de suas crenças, Patrício afirmava que lera Kant, ao passo que o outro se dedicava a Bakunin. Aquele respondia em desafio que ele lia um revoltado e o outro, um pedante, e perguntava se o conhecido não iria concordar que, quando permaneceram num catre de hospital, suas visões estavam muito mais ligadas a uma bomba e à ponta de punhal, ou questionava ainda se, na mesma situação, em noites hibernais, ouvindo o coração, como um martelo de aço a forçar uma porta, não teria dado um pontapé na velha crença morta. Mantendo o discurso antirreligioso, perguntava ao outro que também era pobre e se vestia como ele, por que não dava ao diabo a sua crença em Cristo. Voltando ao tema do tratamento hospitalar, associava a religião às desigualdades sociais, perguntando se seria normal que um nobre e gordo ratoneiro, só por ter dinheiro, lucrasse ainda mais com o roto cobertor de um triste lazarento e, mantendo o tom de revolta, exclamava que todos deveriam seguir avante, além da barricada, de onde romperia a nova madrugada⁴.

Ainda manifestando suas ideias anticlericais, Mário de Artagão, através do personagem Marcos, questionava as “lendas do evangelho”, afirmando que, com mil anos, um livro sempre seria “velho”. Sobre o mesmo tema, referia-se ao “livro das necroses”, o compêndio secular de todas as nevroses, caruncho brutal de trágicas matanças que, com o gládio, sangrava o peito das crianças. Considerava a bíblia ainda como um livro que perturbava e era fantasista, que era surdo a um rouxinol, mas fazia falar um burro e parar o sol. Manifestava também sua descrença integrada à crítica de fundo social, declarando que Cristo

³ ARTAGÃO, 1936. p. 8-9.

⁴ ARTAGÃO, 1936. p. 9-10.

pregara os códigos supremos num mundo muito diferente daquele em que eles estavam, não havendo lugar para viver pelo perdão, nas forjas e nos cais, nas gargantas das minas, no hálito letal das negras oficinas. Apontava que, em tais locais, o homem, a ulular, não vivia de perdão, precisando, ao invés disso, de mais ar, luz e pão. E complementava, argumentando que Jesus não tivera de enfrentar a cainçalha feroz da agiotagem moderna, esse inimigo audaz, impassível, viscoso, usurpador e voraz que vivia da usurpação do pobre que moirejava nas mesmas condições de um chagal que farejava as podridões⁵.

Ambos continuavam debatendo, cada qual com suas convicções, até o encerramento da conversa quando se separavam, para só voltar a um novo encontro em outro capítulo do livro. Mas, antes de tal desfecho, Marcos faria uma longa peroração acerca das desigualdades sociais presentes nas vivências humanas desde os mais remotos tempos, mas que teriam se agravado na contemporaneidade. Lá estavam as condições de dependência social da antiguidade, do feudalismo medieval e das relações capitalistas de produção, notadamente a partir da Revolução Industrial, retratando um mundo onde os pobres não tinham vez nem voz. Assim, as preocupações de natureza social de Mário de Artagão se faziam presentes nas palavras de Marcos, primeiramente traçando um breve histórico desde os povos antigos até o imperialismo da virada do século XIX e, mantendo o mesmo tom, lembrava as desigualdades sociais desde a travessia das caravelas, na época moderna, até à massificação da exploração dos trabalhadores, com a consolidação do capitalismo⁶.

Os argumentos de Marcos foram tão contundentes que até o crêdulo Patrício, num estado de semi-embriaguez, acabaria dando razão a ele. Diante disso, Marcos passava a instigar Patrício, dizendo que ele não poderia vacilar, lembrando-lhe várias das chagas sociais que os cercavam, sintetizando toda aquela ira na figura de um “grotesco burguês”, um “ricaço qualquer”, que insultava a sua miséria e roubava a

⁵ ARTAGÃO, 1936. p. 11-14.

⁶ ARTAGÃO, 1936. p. 15-17.

sua mulher. Das palavras, Marcos passava aos atos, deixando aparecer em suas mãos uma bomba, ao que reagia o companheiro, perguntando se ele havia ensandecido, recebendo por resposta que aquela peça tão bonita era um presente real naquela data de Natal, constituindo uma forma de manifestar a aversão às podridões que afligiam a humanidade. Diante das palavras e das intenções de Marcos, Patrício, escondendo a bomba, medroso e com um mau pressentimento, deixava seu interlocutor na tasca e desaparecia na escuridão da noite que vinha caindo⁷.

No segundo capítulo, chamado “A caminho do cais”, o cenário se deslocava, aparecendo apenas Patrício como o protagonista que encontrava figurantes pelo caminho. A cidade começava a se iluminar e Patrício refletia sobre as ansiedades, angústias e pavores que o atormentavam. Enraivado e conturbado pela dúvida, escondia-se nas sombras de uma viela, a ruminar as palavras de Marcos que contestavam suas crenças e lembravam que perdera sua amada por causa de sua condição de pobreza. Um espírito de vingança passava a tomar conta de Patrício, contrastando com o ambiente do centro da cidade no qual chegara e onde tudo flamejava numa formidável explosão de alegria. Dominado pelo delírio e a febre trágica da loucura, passava a comparar-se a Jesus que expulsara os vendilhões do templo, só que ele, ao invés do chicote, tinha a bomba que fulminava. A cada canto, Patrício via riquezas sem fim que só aguçavam a insatisfação com sua pobreza, de modo que, alucinado, passava a espreitar a hora do crime, olhando ao redor e buscando coragem para perpetrar o ato terrorista⁸.

À procura de um escopo, o personagem do livro de Artagão circunvagava o olhar por uma praça iluminada, observando a bolsa de valores, os ricos e os financistas, alvos ideais de sua ensandecida ira, mas era detido pela visão de um mendigo que, à porta de um hotel, vendia bugigangas, contra o qual não quis atentar. Diante do contratempo, Patrício tornejava a praça, chegando a uma rua larga de

⁷ ARTAGÃO, 1936. p. 18-19.

⁸ ARTAGÃO, 1936. p. 21-24.

edifícios ciclópicos, com cafés, cassinos, bares e cabarés, o que mais uma vez parecia o local ideal para o atentado, entretanto, a visão de uma prostituta, lembrava-lhe dos sofrimentos da vida, detendo mais uma vez seu tresloucado ato. Então ele seguia rua abaixo, chegando a um escaparate luxuoso cheio de guloseimas e, diante de tão impressionantes pratos, a fome apertava impulsionando sua raiva, levando-o a arrancar a bomba da algibeira e a levantar o braço para jogá-la, mas, mais uma vez era detido, agora pela presença de duas crianças, também esfaimadas para as quais daria sua última moeda, visando amainar o mal que as afligia. Vencido pelas circunstâncias, Patrício desistiria, tomando o caminho do cais e, chegando ao parapeito, num impulso irresistível, arremessaria ao mar a bomba que se arrebentou na aresta de uma rocha, numa explosão violentíssima. Entretanto, um fiscal o espreitava nas trevas, prendendo-o e chamando-o de bandido e ladrão⁹.

“Mar alto” era o título do próximo capítulo que trazia as reflexões e vivências de Patrício na prisão, tendo sofrido vinte anos de degredo e submetido a trabalhos forçados. Lamentava a falta de sorte, pois havia lançado a bomba com o cais deserto e em direção ao mar, de modo que se não fosse a “rocha maldita”, jamais teria sido aprisionado. Ainda que resignado por tantos anos de tormentos, amarguras e torturas, não deixava de considerar-se injustiçado, pois fora condenado apesar de inocente. Finalmente, o último capítulo, “De regresso à mansarda”, retratava o reencontro de Marcos e Patrício, envelhecidos, duas décadas depois. Era, mais uma vez uma noite de Natal carregada de neve e frio. Amargurados, os amigos conversaram a respeito da chegada à velhice, mas, inevitavelmente, o diálogo descambaria para o assunto da prisão de Patrício, motivada pela bomba que Marcos lhe dera, diante do que, este insistia fervorosamente pelo perdão daquele. Ocorreria uma inversão de expectativas, pois, já ao final da vida, era Marcos quem apelava para a fé, justificando que muito aprendera com os sacrifícios do amigo, ao passo que Patrício se revelava cético, tendo em vista

⁹ ARTAGÃO, 1936. p. 24-29.

os sofrimentos pelos quais passara. No último ato, Marcos clamava pelo perdão, como deveria ser característico dos cristãos e convidava o companheiro para entrar numa igreja. Patrício, por sua vez, indeciso e a soluçar, afirmava que já não sabia rezar, entretanto, sonâmbulo, automático, deixava-se empurrar pelo amigo e os dois religiosamente desapareciam pelo portal da ermida¹⁰.

Dessa maneira se encerrava *Feras à solta*, marcada pelas típicas contradições da própria humanidade. Ainda que fosse um ardoroso monarquista, Antônio da Costa Correia Leite Filho, desde seus primeiros trabalhos, sustentou certos pendores contrários à ampla predominância da religião católica. A princípio, tal pensamento poderia ser considerado uma significativa incoerência, pois como seria compatível sustentar ideias monárquicas e de defesa de um país que tivera uma constituição que previa o catolicismo como religião oficial e, ao mesmo tempo, manifestar-se antagonicamente em relação a tal religiosidade. Entretanto, a explicação se dá a partir da perspectiva pela qual vários pensadores e políticos da época monárquica, apoiavam ardorosamente um ideário anticlerical e mesmo contrário ao oficialismo religioso, como foi o caso de muitos dos seguidores do liberalismo, como o próprio Mário de Artagão. Além disso, o anticlericalismo do autor não poderia ser confundido com ateísmo, como bem deixava claro o conjunto de sua obra. Do mesmo modo, sua revolta com as desigualdades sociais, retratando as agruras da pobreza que não vivera na carne, mas pudera observar nos diversos lugares em que estivera, não precisava significar uma aproximação com tendências ideológicas mais extremistas, monarquista convicto que era.

Assim, a obra derradeira de Mário de Artagão, *Feras à solta*, serviria para observar um fragmento de seu pensamento presente em outros de seus livros, manifestando um espírito revoltado em relação ao clericalismo e às mazelas sociais. As idas e voltas ao longo do tempo entre a fé e o ceticismo dos dois personagens revelavam as próprias idiossincrasias do país natal do autor, muitas vezes marcadas pelo clericalismo

¹⁰ ARTAGÃO, 1936. p. 31-43.

e a temporalidade em diversas facetas da vida pública e privada. O fato de politicamente ser identificado com a monarquia, numa convicção que lhe custaria inclusive o afastamento de sua pátria, não impedia que o poeta também pudesse militar nas ideias anticlericais, assim como, mesmo sendo um homem rico, não deixasse de ponderar quanto às injustiças de ordem social. Afinal Artagão associava em seu ideário monarquia, darwinismo científico, revolta social e contrariedades em relação à Igreja. Naquela virada de século ele estudara em lugares diferentes e lera de muitas fontes diferenciadas, vindo a metabolizar, sintetizar e mesmo amalgamar princípios que vieram a nortear seu modo de pensar e o conteúdo integral de seu livro encontra-se a seguir.

NA TASCA

*Noite de Natal. Bairro excêntrico de uma grande cidade europeia.
Inverno fustigante. Fugindo à chuva, Patrício e Marcos
recolhem-se a uma tasca de travejamento desconjuntado.*

PATRÍCIO

É o que nos vale ainda! Um bom telhado amigo,
Com o vento a zunir! Mas que é sempre um abrigo. . .

MARCOS

Que frio de rachar!

PATRÍCIO

Que frio e que nevão!

MARCOS

É beber! . . . É beber! . . . que eu já não sinto a mão!

PATRÍCIO

A falta que me faz um velho guarda-chuva!
E a falta, ainda mais, que te faz uma luva!

MARCOS

Já um dia as calcei... Por me veres tão roto,
Não penses que fui sempre o escarro de um esgoto!
Dizia o meu prior, em códices versado,
Que eu tinha no brasão quartéis de bom costado!
Um bispo por avô!... Estirpe sem igual,
Mais nobre que a dos reis na conquista do Graal!

PATRÍCIO

E deste num farrapo!... E chafurdas na lama!

MARCOS

Sem pão para comer!... E o pior: – sem ter cama!
Que queres? Apesar do sangue azul nas veias,
Mordiam-me cá dentro as desgraças alheias...
Sentimental! Idiota! Um Quixote moderno
Com pena nos pulmões que tosse pelo inverno!...
Li toda a Enciclopédia... e Voltaire, o maldito!
E um dia despertei de bruços no Infinito!
A cavalo no sonho, eu andei de astro em astro
A medir, a sondar, a farejar o rastro
De um Princípio sem Fim! Auscultei sem cansaço
As válvulas senis do coração do Espaço...
E tudo me cheirou a um açougue enorme,
Onde tragicamente a morte nunca dorme!
Nada vi e palpei que me desse sentido
Forte, sacro, imortal, de um mundo concebido!
Em tudo a luta vil! A luta sem heróis,
Que estilhaça mil sóis de encontro a outros sóis!
O erro é de visão!... Lobrigamos apenas
Um místico rincão de regiões serenas...

Besoiros pelo azul! Cintilações cantantes
De rondas a bailar em órbitas distantes!
Ninguém, ninguém quer ver que este nosso casebre
Tem o espasmo cruel dos corações em febre!
E assim há de cair, escanzelado e impuro,
Como cai na esterqueira um fruto de maduro!
É isto a vida! . . . é isto a harmonia celeste
Que eu li não sei aonde! . . .

PATRÍCIO

O tempo vai agreste
E torvo para nós! . . . mas embora faminto,
A angústia de viver, como tu, eu sinto!

MARCOS

Pudera! Crês no Estado e ainda vais à missa!
Àquele que pedes pão e a Deus pedes justiça!
E dormes a rezar, ao pé de uma fogueira
Que há de lamber, convulsa, a Terra toda inteira!
Abençoa a cruz que te enclavinha os pés!
É preciso ser parvo! Inda crês que Moisés
Tomou indigestões de maná no deserto!
Inda crês nos judeus de Mar Vermelho aberto!
Olha, à porta, o Natal! Vê lá, ó desgraçado,
Se o Céu também nos manda um faisão recheado!

PATRÍCIO

Fez-te o Céu algum mal? . . . Fez-te Deus porventura
O teu dia mais triste e a noite mais escura?

MARCOS

Não me queixo! Mas nego o bíblico Mistério
Que foi buscar o barro ao pó de um cemitério!
Criar para matar! . . . Fosse eu o Criador,
E a Terra bailaria eternamente em flor! . . .
A Beleza imortal no frescor da bonina,
E depois da mulher. . . , até na guilhotina!

PATRÍCIO

Tu leste Bakounine! E eu leio inda hoje o Kant!

MARCOS

Eu leio um revoltado e tu lês um pedante!
Concorda que uma bomba e a ponta de um punhal
São as nossas visões nos catres do hospital. . .
Tu já por lá andaste! E dize-me, poltrão,
Se em noites hibernais, ouvindo o coração,
Como um martelo d' aço a forçar uma porta,
Não deste um pontapé a velha crença morta!
Atônito, nervoso e altivo, aí, quem me dera
Girar em turbilhões, como gira uma esfera!
Ser livre! Livre enfim!

PATRÍCIO

Ser livre como a estrela
Que antes de esvoaçar, foi preciso movê-la!
É isto liberdade? . . . E não será talvez
Uma algema súpil da prisão que não vês?

MARCOS

Se és nobre como eu sou, se vestes como eu visto,
Porque não dás ao diabo a tua crença em Cristo?

PATRÍCIO

O nosso lindo Irmão!

MARCOS

E só por ter dinheiro,
Achas moral que um nobre e gordo ratoneiro
Empalme honestamente a trinta e seis por cento
O roto cobertor de um triste lazarento?
Avante! Vem daí! Além, na barricada
Verás romper, sanguínea, a nova Madrugada!

PATRÍCIO

Não me consente a Fé, que vigilante e forte
Monta a guarda, de pé, na câmara da Morte!
É a morte que nos unge a hora da partida,
Como um raio de Luz que fecha uma ferida!
Nas claras mãos de Deus, só a morte é capaz
De extrair de um lameiro a essência de um lilás!
Desigualdades?!... Certo!!! O mundo é desigual,
Como um torpe chiqueiro ao pé de um morangal!
Ai de nós, senão o fora!... O que faz a harmonia,
É a noite a chorar para acordar o dia!...
Se podes... imagina um mundo sem contrastes!
Na terra uma só flor... e a flor nas mesmas hastes!
A mesma voz no céu, na vaga e nas colmeias!
O aroma da baunilha igual ao das ninfeias!

Que atroz monotonia! E que soturna gente
A pisar a planície... a mesma... eternamente!
Só a Dor, meu irmão!... somente a Dor... só Ela
Irmana, alastra, esmaga, aturde, punge, esgoela!
Só Ela faz florir nas pedras a Bondade!

MARCOS

Tu vês a rocha e a flor! Eu vejo a Humanidade!

PATRÍCIO

Sujeita às mesmas leis do contraste e da luta...
A copa de falerno e a malga da cicuta!
Foi isso justamente o que trouxe Jesus
A ensinar pelo amor como é pesada a Cruz!
Ai, deixa o rico em paz!... É grande a tua dor...
Mas a dele... acredita!... às vezes é maior!
O ouro não lhe esconde a visão dos covais!
Sofre por ser feliz!... Por isso sofre mais!
Bendito seja Deus!

MARCOS

As lendas do Evangelho!
Com mil anos, um livro é sempre um livro velho!

PATRÍCIO

Como tu, eu também andei pelos Liceus!...
Um livro quando o escreve a eterna mão de Deus
Não conhece a velhice! É pelo tempo em fora
Um cântico a vibrar na harpa de uma aurora!

MARCOS

Tu chamas mocidade ao Livro das Necroses,
Compêndio secular de todas as nevroses,
Carunchoso, brutal, de trágicas matanças,
Com o gládio a sangrar o peito das crianças!
Um Livro que perturba, um Livro fantasista
Que não tem a emoção de um só farol à vista,
Um livro sem luar, que é surdo a um rouxinol,
Mas faz falar um burro e faz parar o Sol! . .

PATRÍCIO

Jesus, o mais ideal do todos os Poetas
Não falou ao luar; falou pra os grillhetas!
É um poema de luz, escrito com trovões!
Em vez de madrigais, falou aos corações,
Aos pobres como nós, aos grandes desgraçados,
Que buscam para a fome o lixo dos mercados!

MARCOS

É este o teu triunfo! Água-benta às colheres
Para acalmar, de noite, os nervos das mulheres!
Mas aqui entre nós: – o que causa arrepios,
É ver lá no Jordão, fleumáticos, sombrios,
Doze sandeus impondo às águias imperiais
A renúncia pagã das claras bacanais!

PATRÍCIO

Eis o nosso triunfo! Uns mansos pescadores
Sem bombas nem punhais, nem cartas de doutores,
Fizeram num só dia aquilo que às dentadas,
Agressivos, febris, como onças esfaimadas,
Não fizeram ainda, em frêmitos guerreiros,
Os duzentos milhões dos vossos petroleiros!

MARCOS

Dá-me Cafarnaum e dá-me as gafarias,
Que eu prometo vencer, em tudo, o teu Messias! . .

PATRÍCIO

Acredito. . . se tens, heroicamente à mão,
A queixada de um burro e o furor de um Sansão!

MARCOS

O teu Cristo pregou os códigos supremos
Num mundo que não era o mundo em que vivemos!
Pôs a vida num céu. . . hermético e fechado
Às manhãs triunfais e aos beijos de um noivado. . .
Viveu pelo perdão! Mas o amor do Calvário
Foi apenas luar no chão de um ossuário!
Nas forjas e nos cais, nas gargantas das minas,
No hálito letal das negras oficinas,
O homem, a ulular, não vive de perdão!
Que em vez de perdão, mais ar, mais luz, mais pão!
Não é pedir demais! Jesus não teve à perna
A cainçalha feroz da agiotagem moderna!
Não teve pela frente esse inimigo audaz,
Impassível, viscoso, usurpador, voraz,
Que vive da exaustão do pobre que moireja!
Voraz, como um chacal que as podridões fareja. . .

PATRÍCIO

Jesus também varreu do Templo a cainçalha!

MARCOS

Em vez do capital, só varreu a canalha!

PATRÍCIO

Foi Ele, quem o disse a um dos Anciãos:
“- *Podes seguir-me! Vem! Sê um dos meus Irmãos!*
Mas abraçado à Lei, sobes o que é preciso
Para abrir de mansinho a porta ao Paraíso?
Não basta a Lei! . . . Não basta! É preciso inda mais!
Vende tudo o que tens! . . . Teu ouro e cabedais!
E depois . . . a sorrir . . . dá tudo, tudo aos pobres! -
- O homem que era rico e nobre entre os mais nobres,
Entristeceu . . . Jesus no dele o olhar mergulha: -
É mais certo um camelo entrar por uma agulha,
Que um rico entrar no reino acolhedor de Deus!”
E o pavor, desde então, sacode os hipogeus! . . .

MARCOS

Em verdade Ele o disse! . . .

PATRÍCIO

E disse mais ainda: -

“*Cuidais que à Terra eu vim trazer a paz infinda?*
Ai, não! vos digo eu! Eu trago a divisão!
Porque, de agora em diante, em vossa casa estão
Três contra dois e dois contra três!”
E o Rabino
Assim profetizou, messiânico e divino,
As convulsões mortais, os rubros paroxismos
Que nos rasgam aos pés a boca dos abismos!

MARCOS

Os sonhos da Judeia! Horizontes sem asa,
Que não iam além das capas de Gérasa!
Nesses tempos de hipnose um rude assalariado
Só conhecia o Templo e as relhas de um arado!
Quisera vê-lo cá, nesta imensa agonia,
A rilhar, soluçando, o pão de cada dia!
Um mundo patriarcal! Um punhado de servos
Sem a nossa revolta e sem os nossos nervos!
Onde havia, por lá, os corações enfermos
Que adoecem de tédio... inda antes de vivermos?!
Guindastes anormais! Crepitações elétricas!
O infinito da linha; as torvas linhas métricas
Que varam o deserto e os matagais incultos,
Deixando pela estrada os corpos insepultos!
Chispas em redemoinho! O fumo que sufoca
E nos traz um sabor de sangue vivo à boca!
Saturnismos fatais! Os mastodontes de aço
Com os dentes da grelha a rir do nosso braço!
Monopólios! Cartéis! As maltas industriais
Talhando o mapa-múndi em pingues sucursais!
As casas de penhor! A doirada canalha
Que vê num barco o leito... e não vê a fornalha!
A sôfrega avidez de bocas de criança,
Mastigando de longe, em visões de faiança,
Os restos que um nababo atira aos lacaios!
O mar-alto a rugir! A luta dos catraios
Levando para o fundo o pescador indômito,
Que lança para o céu a praga, como um vômito!
A atroz terceira classe infecta dos porões!
Um mineiro sem ar, na treva, aos apalpões!
A guerra!... A guerra, enfim! A loba insaciada,
Que derruba um herói, de borco, na escalada!
E quem são os heróis?! São sempre os nossos filhos,
Que inda levam na boca o cheiro dos junquinhos

Que uma noiva atirou à beira dos caminhos!
Morrem a cantar, como os rouxinóis nos ninhos!
E quem foi que os matou? . . . O Capital-Falperra,
Sem entranhas, feroz, que manda para a guerra
A mocidade em flor! . . . Sangue das nossas veias!
Mas ele, o Parasita, arrotando as ceias
Um carnudo salmão comprado a peso de ouro,
Bolsista, lavradas, comensal do Tesouro,
Enquanto o sangue espirra e golfa na trincheira,
Lê os jornais. . . sorri. . . dá balanço à carteira,
Consulta o Deve-e-Haver. . . depois queima um charuto,
E dorme, regalado, um grande sono, o bruto!
Quer tudo! Também quer que o bom Deus o proteja. . .
Por isso, matinal e a pé, vai sempre à Igreja!
Que lhe importa saber se o verbo amar é frouxo
Quando conjuga um lábio enregelado e roxo?!

PATRÍCIO

Numa semi-embriaguez

Tens razão! . . .

MARCOS

E se tenho, então porque vacilas?
O fogo que nos queima as cansadas pupilas
Chega para cremar nervosamente o pus,
Que nos bordéis tatua os brancos corpos nus!
É o supremo remédio: – O rubro ferro em brasa
Nas úlceras que roem a tua própria casa!
Duvidas?! . . . Insensato! Incrédulo e covarde!
Se hesitas a temer. . . talvez que chegues tarde!
Depressa! Anda depressa! . . . Escolhe! . . . Agora ou nunca!

Estou daqui a ver a mão rugosa e adunca
De um grotesco burguês, de um ricaço qualquer,
A insultar-te a miséria e a roubar-te a mulher!
Corre e voa à mansarda! Inda ouvirás na escada
Os beijos a estalar na cama enxovalhada! . . .
Vamos! . . . Bendize a chuva! . . . É mais uma vantagem
Para um braço que vinga às vezes sem coragem!
Bebe mais! Toma! . . . E vai!

(Patrício assobrado, vê uma bomba na mão de Marcos)

PATRÍCIO

Ensandeceste irmão!

MARCOS

És sempre o mesmo idiota. . . e no fundo, um poltrão!

(entregando-lhe a bomba)

Mas vê como é bonita! Um presente real
Que o teu manso Jesus nos faz pelo Natal!

PATRÍCIO

(escondendo medroso a bomba)

Eu não sei se ouvi bem!

MARCOS

Ouviste!.. A tua vida
Falhada, aos repelões, rolou pela descida
Que vasa as podridões no sei bom do mar!
O mar consome tudo: – é lá que vão parar
Dejetos, maldições, as perfumadas cartas
Das fêmeas insexuais, ignobilmente fartas,
Flores murchas, o trapo, as abjeções secretas,
E ao lado de um capacho as rimas dos Poetas!

PATRÍCIO

(num vago pressentimento)

O seio bom do mar!.. O abismo! O esquecimento!
Brincamos tanta vez! Eu.. de cabelo ao vento,
Nas ondas a boiar... tão leve e pequenino!

MARCOS

Deixa o teu velho sonho... e segue o teu destino!

*Marcos deixa-se ficar na tasca; e Patrício desaparece
na escuridão da noite que vem caindo.*

A CAMINHO DO CAIS

A cidade começa a ser iluminada

PATRÍCIO

Que noite! Que ansiedade! E quanta angústia exprime
Um hirto lampião que espreita o nosso crime!
Quem me dera cegar para não ver, absorto,
A expressão bacilar que tem um lábio morto!
Que noite! . . . No pavor desta miséria imensa
Um roubou-me a mulher. . . O outro roubou-me a Crença!
Mentiria esse bruto?! Os ódios das revoltas
São como estremeções de tempestades soltas. . .
Babar. . . uivar.. matar!

*Enraivado e conturbado pela Dúvida,
esconde-se nas sombras de uma viela.*

E se fosse verdade?! . . .
Trinta anos! . . . Talvez mais! Nunca me disse a idade!
Nem a quero saber! A cinta perturbante,
Helênica, aromal, flexível, inquietante,
Lembra o caule súpil de uma flor de toucar
Que eu embalo nas mãos com medo de a esfolhar!
Um pobre, por ser pobre, é homem como os mais! . . .
Eu também fui rapaz! Em meio dos tojais
Para ninguém nos ver, e ali pela noitinha,
Uma boca a beijou. . . e essa boca era minha!
E depois desse beijo, acreditei num céu
Que pudesse esconder aquilo que era meu. . .
Tranquila, cá de baixa, a mansarda é tão alta,
Que julguei: - Para um céu. . . muito pouco lhe falta!
Idiota! Sonhador! Por mais que seja antigo,

O amor nunca perfuma um leito de mendigo!
Aí, quando a chave é d'oiro, e fraca a fechadura,
Nem mesmo junto ao céu uma mulher é pura! . .
Sem um naco de pão, eu vivo, se quiser. . .
Mas o que alguém não pode. . . é viver sem mulher!
Como é doce vingar o nosso amor roubado!
Perdido. . . que me importa a mim, mais um pecado?
Avante para o Abismo! . .

grande hesitação

E se antes da vingança,
Fosse eu vê-la outra vez, como a vira em criança?!
Mas não! Posso perder-me! Ela é tão fresca e linda
Que mesmo assim poluída, eu gosto dela ainda!
De resto. . . eu não a culpo! . . É mais um corpo à vala!
E a pobre deve ter alguém para vingá-la!

*Chega ao centro da cidade.
Tudo flameja numa formidável explosão de alegria.*

Eis o delírio! . . A febre! . . A trágica loucura
Que estua. . . e pisa aos pés, talvez, a sepultura!
Os meus nervos, ó Dor, fustiga-nos! . . Sacode-os!
A vida é um chavascal! . . Só vence quem tem ódios!
Não me esquece Jesus nem os maraus do Templo!
Varreu-os como esterco. . . e eu vou seguir-lhe o exemplo!
Tenho em vez do chicote a bomba que fulmina!
No fundo a mesma raiva! . . Uma raiva divina
Que a rugir, a estalar, sonora e crepitante
Se dele fez um Deus, de mim fez um tratante!
O oirol! . . Polvo glacial de enroscamentos bruscos
Que Lineu esqueceu na série dos moluscos!
Tudo merca, o maldito: – As pálidas demências
De um cachimbo chinês! Azuis delinquências

Narcóticas, fatais, dos efebos impúberes!
Por toda a parte a teta e a flacidez dos úberes!
Os nervos de um artista, a unção de uma sonata,
Tudo é vendido a peso em leilões de sucata!
E com isto de grave: – impando de desprezo.
Os doirados ladrões inda roubam no peso!
Oiro implacável, vil! Oiro de falcatruas,
Indiferente à Dor que vai por estas ruas!

Alucinado, espreita a hora do crime.

Ó Marcos! Ó, meu Mestre! A copos de aguardente,
Aprendi, como vês, a lição facilmente!
Mas esta comoção da primeira viagem
Não pede imprecações: – o que pede é coragem!
Enfim, vamos lá ver!.. Olhemos em redor!..

circunvaga o olhar pela praça iluminada

Olá! O Hotel da Bolsa! É o que há de melhor!
A Finança! A alta roda! O drástico inimigo,
Divino como um Buda a contemplar o umbigo!
Algum rei do petróleo!.. O bandido!.. o cigano,
Quase sempre flamengo ou norte-americano!

UM MENDIGO

*encharcado, à porta do Hotel
a vender bugigangas.*

Dez cêntimos, senhor!.. É âmbar!.. do mais fino!
Tenho a fome a matar um filho pequenino!

PATRÍCIO

*Recolhe a bomba que esteve
prestes a lançar*

Mas que grande animal! Tolheu-me a mão agora,
Quando eu via tão perto a luz da nova aurora!
Bem podia matá-lo! Um estilhaço apenas
Faria de um farrapo um turbilhão de penas
A voar... a voar... em busca de outros céus!
Tem graça que um lapuz salvasse tais judeus!
É sorte!... E quem me diz que a morte assim suave,
Como um tiro traiçoeiro a estatelar uma ave,
Não seria uma esmola?!
Adiante!... Além na praça
Patinham pelo asfalto os cavalos de raça!
É a guarda... Cuidado!

*Torneja a praça e vai dar a uma rua
larga de edifícios ciclópicos*

Estou melhor aqui!
Cafés!... Cassinos!... Bares! O Tédio pincha e ri,
Pedindo por piedade à morbidez da noite
Que os nervos lhe fustiguem e os músculos lhe açoitem!
Não pode haver em torno de um sítio mais augusto,
Para fingir de herói... para matar sem susto!
Desta banda... a Marlene um pouco desnalgada!
Folgai! Matai a sede a taças de orvalhada!
Nos meus tempos joviais de ceias ao luar
Eu gostava também de pernas a bailar!
Vejam mais além! Fantásticos cartazes
Com gueixas e dragões, crisântemos, lilases,
Besuntam de zarcão a cara dos palhaços!...
Transborda o circo! E o povo, enfim, descansa os braços!

Enquanto ri... não lembra a estúpida agonia
 Que o espera de manhã, mal vem rompendo o dia!
 Mas nem tudo desperta a compaixão radiosa
 Que me perfuma o peito em hálitos de rosa!
 Ao pé da malta humilde estrábica e soturna
 Um rico, em convulsões, cabriola na noturna
 Embriaguez de um fauno!... Ali, naquela esquina
 Berrantes, esgarçando o seio da neblina,
 Esbraseiam salões em radiações violentas!
 E ofídias, a ondular, nas valsas muito lentas
 Mulheres de ombros nus como sombras irreais,
 Esbatem os perfis através dos vitrais!
 Que rútila visão!

*Arranca da bomba, e pasmado avista
 uma hetaira que abre a medo uma
 das janelas do salão*

Com certeza está louca!!

A HETAIRA

Respirando fundo o ar da noite

Será sangue ou carmim, o que eu sinto na boca?!

PATRÍCIO

Queimou na luz candente as asas de falena!
 Escandinava e loura?! Antilhana e morena?!
 Não sei... e pouco importa! O que ela quer é voar
 Impudica e cheirosa, embalsamando o ar!
 Mulher! Eu te abençoo! A nossa vida é assim:
 Soluçamos, os dois, nas presas de um mastim!

Não fazes nada mais do que haurir num suspiro
O sangue que nos chupa o beijo de um vampiro!
Aí, rouba-lhe o dinheiro! É meu esse dinheiro!
Foi explorando a Dor que ele se fez banqueiro!
Explora-o tu também!.. E desnudando as fraldas,
Converte o meu suor num colar de esmeraldas!

*Seguindo rua abaixo, dá de frente com
um escaparate luxuoso cheio de guloseimas.*

Que fome! E ali tão perto, ao alcance da mão
Uma orgia a florir – em louças do Japão!
Um só peru trufado. . . aquele. . . o da direita,
Que um piloro ulcerado ainda assim não rejeita,
Basta para comprar, com esta chuva a potes,
Além do cobertor, um catre e dois capotes!
É um insulto atirado às goelas esfaimadas!
Se é assim que se come em salas alfombradas,
Se é assim que se farta um ventre de ricaço,
Maldita seja a mãe que trouxe no regaço
A semente fatal que ignobilmente gera
No mesmo prado em flor: – uma ave e uma pantera!

arranca a bomba da algibeira,

Eis o supremo instante! A mão já me não treme!
Como é veleira a Nau que tem a glória ao leme!
As ondas em delíquio abocam sombras mortas! . .
Ó, abismos sem fundo! Abri-me as vossas portas!

*Levanta o braço; e vê duas crianças
em frente do escaparate.*

UMA DAS CRIANÇAS

Aí! os confeitos! . . . vês?! . . . São rosários de luz
Que nos traz esta noite o Menino Jesus!

PATRÍCIO

Horror! Horror! Horror! Crime soturno e vil!
Enterrar um punhal no coração de Abril!
Horror! . . . Se não detenho o voo do meu pulso,
Desvairado, sanhudo, impiedoso e convulso,
Lá iriam pelo ar, angélicos, risonhos,
Dois berços a cantar as árias dos meus sonhos.

Vai direto às crianças

Vinde a mim! Vinde a mim! Como as aves implumes
Precisais de calor, de beijos e perfumes!
Como o céu a nevar. . . que linda vai a festa!
Tomai esta moeda! É tudo o que me resta!
Tendes medo de mim? Quereis saber meu nome?!
É bastante saber que eu também tenho fome!
E agora ide dormir! E sonhar. . . e sonhar
Com estrelas no céu e asas a noivar!

*Como um vencido toma o caminho do cais.
Chega-se ao parapeito, e num impulso irresistível arremessa para
o mar a bomba que vai rebentar nas arestas duma rocha.
Explosão violentíssima.*

UM FISCAL

surge na treva, e agarra-o pela gorja

Não me fujas, bandido!.. Eu vi tudo, Ladrão!

PATRÍCIO

(resignado)

Tu viste de uma aurora... apenas o clarão!

MAR ALTO

*No céu tropical abre o Cruzeiro
do Sul os braços luminosos.*

PATRÍCIO

Vinte anos de degredo!.. O trabalho forçado
Para um gesto de amor sereno e sem pecado!
O cais era deserto! E a escuridão profunda
Tinha o hálito mortal de uma bocarra imunda!
Hora da baixa-mar!.. A sânie ali flutua
Teimosa, a mendigar, um carinho da lua...
Não quer ir para o fundo! E não irá, vos juro
Sem que o amor lhe fecunde o verde seio impuro!
Tudo respande... tudo! A própria podridão
Não é mais que o dealbar de nardos em botão.

Pausa religiosa

Que hedionda noite aquela! A chuva a chapinhar
Dava a rude impressão de choro sobre o mar!
Tive um crime, talvez! Querer captar a Luz
Que um dia resvalou do lenho de uma cruz!
E por isso este braço... o perdão deste braço
Espalhou a minha alma em estilhas no espaço!
Que tremenda explosão! Parece até que Deus
Despertou e tremeu na quietação dos céus!

grande concentração

Se estendo mais o braço e não m'ó tolhe o medo,
Iria para o céu... sem ir para o degredo!
É tudo assim na vida! Uma rocha maldita
Bastou para me abrir essa estrada infinita
Que não tem uma sombra e onde uma flor não medra!
Rocha felina e má! Não fosse ela de pedra!
Não acuso ninguém! Testemunha, só uma: –
Um austero Fiscal que, aos apalpões, na bruma
Apenas viu o gesto, e não viu o tremor
De um punho a latejar em frêmitos de amor!
Inflexível, no ardor de cóleras estranhas,
Eu bem sei, ai de mim, que a Lei não tem entranhas...
Mas há bombas no Azul!... Vão lá fazê-lo réu!
Estilham-se os trovões!... vão lá culpar o Céu!
E o Céu todo desfeito em cordas lacrimosas
Desperta para a vida o coração das rosas!...
A Luz nervosamente a varar as esferas
É também um punhal que rasga as primaveras!
Nupcial, candente, irrompe em vibrações tão raras,
Que logo, a florescer, rebentam as searas!
Pois eu pequei assim!.. Ou meus rubros delírios
Fizeram o que faz uma chuva de lírios...
Balsâmica, ideal, narcótica e fecunda,
Foi buscar a raiz, de todas a mais funda,

Para sagrar o chão ingênuo do meu berço!
Sinto hoje a morbidez de cantar tudo em verso!
E vou para o degredo! E vou sem maldições
Aprender como reza a boca dos leões!

*Cerram-se-lhe as pálpebras
em profundo misticismo*

Que paz! Que paz profunda! As nebulosas deusas
São como aranhas de oiro, apáticas, imensas,
Ovulando na teia a dor de um Mundo Novo!
Toda a tragédia humana, ali! . . . dentro de um ovo!
A mesma Dor de sempre a dar a eterna origem
Ao êxtase da Crença e ao voo da Vertigem!
Nasce talvez daí essa vontade absurda
De rezar com a Noite, eternamente surda!
Respiro incenso e mirra! E há pouco, sobre o mar,
Apoplético, untuoso, o sol a descambar
Pareceu-me enfiar na cabeça anormal
O roxo solidéu de um velho cardeal!
Não sei. . . Não sei que força olímpica e sonora
E faz ajoelhar na extrema-unção de agora!
Ascetismo talvez! Ou sadismo demente
De alegre exaltação por morrer inocente?!
O prazer da tortura! Há quase dois mil anos
Foi o pasmo infantil dos centuriões romanos. . .
Se é doença, a bendigo! Assombra, mas consola,
Como ao pé de uma igreja um pobre a dar esmola!
Às vezes sinto frio. . . o frio que anuncia
A entrada triunfal no coma da agonia!
São as horas mortais do meu isolamento. . .
Tudo bifronte e vesgo! Em tudo o esgotamento
De um mundo bacilar que podre se esbarronda!
E então preciso crer! . . . No sol, na flor, na onda;
Na própria larva hedionda a esventrar uma lousa!

Ai, crer... seja em que for! Mas crer n'alguma cousa!
E de grillheta aos pés, desvairo na ansiedade
Frenética e mordaz de buscar a Verdade
Inda mesmo escondida em cristais de granito,

De olhos postos no Cruzeiro do Sul

Indo mesmo pregada a essa Cruz do infinito!

DE REGRESSO À MANSARDA

*Em frente de uma ermida, em noite de Natal,
encontram-se os dois velhinhos.*

PATRÍCIO

Custa-me tanto a andar!... E desta vez a neve,
Para não me empurrar, vai caindo ao de leve!
Outra vez o Natal!

MARCOS

Com vinte anos a mais...

PATRÍCIO

Contei-os dia a dia, em ânsias imortais!

MARCOS

Sofreste muito!

PATRÍCIO

Um pouco! . . . E deixa-me ser mudo,
Com o dedo no lábio, indiferente a tudo!
E tu?

MARCOS

Envelhecer . . . não achas que é tolice!

PATRÍCIO

Mas essa tua calma . . . é a calma da velhice!

MARCOS

A calma de um vencido! . . . E vencido por ti!
Profundo, heroico e santo, um outro assim não vi! . . .

PATRÍCIO

Nem eu! . . . Nem mesmo explico a doce mansuetude
Que inata, dentro em mim, não chega a ser virtude!
Sou bom, sem o saber! Nasci para a bondade,
Como em manhãs de Abril irrompe a claridade . . .
E aí tens o segredo . . . o lirismo da lenda
Do meu gesto de amor naquela noite horrenda!
Ai, do velhinho! ai do Lírio! ai, das crianças
Se à luz desse Natal de trágicas lembranças

Heroico, não prendesse a mão que tremia! . .
Soube então como escalda o suor da agonia!
Matava um Por do Sol! Matava uns lírios brancos
Que a nortada sacode em lívidos arrancos;
E por fim, sem piedade, esta mão descarnada,
Covardemente vil, matava uma alvorada!!!
Salvando-os, eu salvei-me! Ou antes: – eu perdi-me!
Tive a morte na mão! E foi esse o meu crime!

MARCOS

Uma ilusão a mais! No teu gesto de amor
Havia emanações de um narcisar em flor! . . .
Iodada, batismal, atrás dessa ternura
Eu vejo a branquejar, angelical, obscura,
A casinha da praia! Ali, pelos beirais,
Andorinhas em bando, ingênuas, matinais,
Cochichavam a medo. . . o medo de espertar
Teus sonhos infantis, voltados para o mar!
Quanta gaivota. . . quanta! Ensopadas, friorentas,
Todas secando ao Sol as túnicas cinzentas. . .
Benzias o teu pão! E os anjos em revoada
Alfombravam-se os pés com rosas pela estrada!
Quantas vezes pousou no teu cabelo loiro,
A borboleta azul. . . que tem as asas de oiro!
O oiro é o pó-de-arroz das mansas borboletas! . .

PATRÍCIO

E as bombas a estoirar?!

MARCOS

Rebentam em violetas! . .
Não se transmuntam sóis. . . e não se sobe tanto
Sem ter à cabeceira a luz de um Livro santo!

PATRÍCIO

E és tu que o vens lembrar?! És tu, o revoltado,
Que sondas o coval de todo o meu passado?

MARCOS

Perdão! . . .

PATRÍCIO

Deixa-me rir! . . . Eu bem conheço a manha
Da fera que regouga o Sermão da Montanha!

MARCOS

Esquece, por piedade, as mórbidas blasfêmias!
Só tarde percebi que duas almas gêmeas
Não vibram sem a unção das mesmas pastorelas!
A rola do baledo e o albatroz das procelas
Não têm o mesmo céu! Tu foste a flauta agreste
E eu quis ser o clarim! A água que bebeste
Tinha o sacro sabor das altas fontes bascas!
Eu bebi aguardente. . . e da pior das tascas!
Envenenei-te a taça, e envenenei-te a vida!
Esmaga com teus pés minha alma combalida!
Contrita aqui a tens! Mas dize que perdoas!

PATRÍCIO

De onde te vem a ebriez das crentes almas boas?

MARCOS

De ti... da tua Fé!... dos teus claros heroísmos!
De tudo quanto é Luz nos velhos catecismos!

PATRÍCIO

E quem te diz que eu creio?!

MARCOS

O teu martírio o diz,
Abençoando a mão que te fez infeliz!

PATRÍCIO

É tarde, ó meu Irmão! Para ser o que eu era,
Dá-me o que tu roubaste: – a minha Primavera!

MARCOS

Perdão! Perdão! Perdão! Vamos rezar os dois!

PATRÍCIO

Rezar!!! Poupa-me a dor de duvidar depois...

MARCOS

Não há tempo a perder!... Nós somos dois velhinhos!

PATRÍCIO

Eu também conheci a quietação dos ninhos!
Mas veio um negro dia... e o ninho desplumou-se
Como um lindo rosal aos golpes de uma foice!

hesitando

Mas dize! É viva ainda?!... É vivo o meu amor?!

MARCOS

Morreu como um luar! Morreu como uma flor!

PATRÍCIO

Talvez pensando em mim!...

Em grande concentração

Morreu, como eu morri!

MARCOS

É tão doce rezar!... Mas vamos! Vem daí!

tenta empurrá-lo para a ermida

PATRÍCIO

Rezar! . . . Sabes lá tu, o que é rezar de joelhos
Vendo missais a arder. . . sacrílegos, vermelhos?!
Sabes lá tu cair de bruços sobre o chão
As saudades de um beijo! Eu tive de sofrê-las
De boca sempre aberta, a olhar para as estrelas!
Eu apenas pequei pela intenção de um crime!
Da abelha que não crava o dardo numa rosa!
Que rútila ascensão! Foi um voo glorioso
Para os verdes bambuais de um mundo misterioso
Onde quis esconder a minha angústia enorme,
E onde vi que, afinal, no Céu também se dorme!

MARCOS

Deus apenas descansa! E se às vezes dormita,
É com pena de ouvir a humanidade aflita! . . .

PATRÍCIO

Como tese . . . é soberba! A tese de um sofista,
Que passou a doutor, depois de ser bombista!

MARCOS

Respeita a minha dor!

PATRÍCIO

E respeitaste a minha?!

MARCOS

Dentro do meu canil, minha alma era sozinha...
O silêncio tem voz... esse rumor impuro
Das unhas a raspar a calíça de um muro!
Outras vezes ouvia o infame gorgolejo
De uma boca a babar... sem poder dar um beijo!
Numa pocilga assim, ou se gera um cretino
Ou fuzila na treva a mão de um assassino!
Foi esta a minha vida! E igual seria a tua,
Se a Crença... a tua Fé... Perdão!

PATRÍCIO

Mas continua!

MARCOS

Tenho a boca a sangrar!

PATRÍCIO

Por falta de aguardente!

MARCOS

Por falta de perdão que peço ansiosamente!
Tu não podes descrever! Nesse teu peito há brasas
Que um anjo esperta, voando, a um leve sopro de asas!
A Fé, como andorinha, extraviada embora,
Busca sempre os beirais das sínopes de outrora!...
Se bom como Jesus! Perdoa ao revoltado
Que apela para o amor de um outro desgraçado!
Vamos tomar, os dois, um banho de luar!

PATRÍCIO

em delíquio, a soluçar

É tarde! É tarde! É tarde! Eu já não sei rezar!

*Sonâmbulo, automático, deixa-se
empurrar pelo amigo; e os dois
religiosamente desaparecem
pelo portal da ermida.*



DIRECTORIA

DIRECTOR: ERNESTO RODRIGUES

DIRECTORES-ADJUNTOS: JOSÉ EDUARDO FRANCO
ANA PAULA TAVARES

SECRETÁRIA: LUÍSA MARINHO ANTUNES

VOGAIS: LUÍS DA CUNHA PINHEIRO
PAULA CARREIRA



DIRETORIA

PRESIDENTE: PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL

VICE-PRESIDENTE: FRANCISCO DAS NEVES ALVES

DIRETOR DE ACERVO: MAURO PÓVOAS

1º SECRETÁRIO: PAULO SOMENSI

2º SECRETÁRIO: LUIZ HENRIQUE TORRES

1º TESOUREIRO: VALDIR BARROCO

2º TESOUREIRO: ROLAND PIRES NICOLA



Conselho Editorial

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Carlos Carranca (Universidade Lusófona)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Francisco das Neves Alves (FURG)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

José Eduardo Franco (CIDH-CLEPUL)

Luiz Henrique Torres (FURG)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Vania Pinheiro Chaves (CLEPUL)



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto “UID/ELT/00077/2013”**



Coleção
Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



CLEPUL Centro de Estudos de Língua Portuguesa do Rio-Grandense
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

